

MORTE DE HIPÁTIA DEATH OF HYPATIA

FICÇÃO HISTÓRICO-CÉNICA

EDIÇÃO BILINGUE
BILINGUAL EDITION

ARMANDO NASCIMENTO ROSA
ENGLISH TRANSLATION BY ALEX LADD



BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



SEBENTAS | COLEÇÃO DRAMATURGOS PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

Quem somos

- A **Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC)** é uma instituição de ensino superior público artístico com origem na primeira Escola de Teatro portuguesa, a Escola de Arte Dramática, depois Escola da Arte de Representar do Conservatório Nacional, fundada por Almeida Garrett em 1836. Desde 1971 integra a Escola de Cinema, hoje seu Departamento de Cinema. Em 1985, a ESTC foi integrada, com a Escola Superior de Música e a Escola Superior de Dança, no Instituto Politécnico de Lisboa (IPL).
- A ESTC desenvolve o seu ensino visando a formação de profissionais altamente qualificados nas suas áreas, fomentando a investigação e a pesquisa, a experimentação e a criação artística, concretizando ou participando em projectos de desenvolvimento e prestando serviços à comunidade. Em 1998, transferiu-se do Conservatório para o actual edifício, na Amadora, desenhado pelo arquitecto Manuel Salgado, co-autor do Centro Cultural de Belém (CCB).
- Os seus dois Departamentos, dotados de autonomia pedagógica, oferecem formações conducentes à obtenção dos graus académicos de Licenciado e de Mestre (1º e 2º ciclos do ensino superior) e participam, com a Universidade de Lisboa (UL), no Curso de Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento. A Licenciatura em Teatro oferece formações específicas nas áreas de Actores, Design de Cena e Produção; o Mestrado em Teatro oferece especializações em Artes Performativas, Design de Cena, Encenação, Produção e Teatro e Comunidade. A Licenciatura em Cinema oferece formação nas áreas de Argumento, Realização, Produção, Imagem, Som e Montagem. O Mestrado em Desenvolvimento de Projecto Cinematográfico oferece especializações nas áreas de Narrativas Cinematográficas, Dramaturgia e Realização e Tecnologias de Pós-Produção.
- No âmbito da mobilidade internacional de discentes e docentes, a ESTC integra os programas Sócrates/Erasmus e promove acordos bilaterais e parcerias com instituições congéneres europeias e latino-americanas, designadamente argentinas, mexicanas e brasileiras. É membro de organizações internacionais das suas áreas de ensino: o International Theatre Institute (ITI)/ UNESCO, o Centre International de Liaison des Écoles de Cinéma et de Télévision (CILECT) e seu braço europeu Groupement Européen des Écoles de Cinéma et Télévision (GEECT), liderando actualmente o seu Departamento de Teatro o programa europeu École des Écoles.
- A **Biblioteca da ESTC** é detentora de um vasto acervo resultante de aquisições, doações e espólios de autores, incluindo bibliografia de notória relevância histórica relativa ao Teatro e ao Cinema, e, associada à editora on line de acesso aberto — a **ESTC Edições** — publica regularmente textos de apoio aos ensinamentos da Escola, resultantes de investigação aplicada de docentes e colaboradores próximos da instituição.
- Informações mais detalhadas sobre a ESTC em <www.estc.ipl.pt>; sobre a sua biblioteca, em <<http://biblio.estc.ipl.pt/>>.

MORTE DE HIPÁTIA

FICÇÃO HISTÓRICO-CÉNICA

ARMANDO NASCIMENTO ROSA

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



SEBENTAS | COLECÇÃO DRAMATURGOS PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

FICHA TÉCNICA

Título	Morte de Hipátia : ficção histórico-cénica
<i>Title</i>	<i>Death of Hypatia : scenic historical fiction</i>
Autor <i>Author</i>	Armando Nascimento Rosa
Tradutor <i>Translator</i>	Alex Ladd
Editor <i>Publisher</i>	Escola Superior de Teatro e Cinema Politécnico de Lisboa
Imagem da capa	Provável retrato de Hipátia, imaginado por Rafael em <i>A Escola de Atenas</i> (1509-1511) (http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/stanze-di-raffaello/stanza-della-segnatura/scuola-di-atene.html)
<i>Cover image</i>	<i>Probable portrait of Hypatia, imagined by Rafael in The Athens School (1509-1511)</i> (http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/stanze-di-raffaello/stanza-della-segnatura/scuola-di-atene.html)
1ª edição <i>1st edition</i>	50 exemplares 50 copies
Amadora	setembro September 2019
ISBN	978-972-9370-36-6
Depósito Legal	460969/19

Nota preambular à edição

A vida dos textos escritos e destinados para a cena conhece episódios imprevisíveis. Nove anos após concluída esta versão que intitulei *Morte de Hipátia*, extraída de um texto anterior bem mais extenso e heteróclito (*A última lição de Hipátia*; Porto: Campo das Letras, 2004), eis que surge a vontade de um conjunto de alunos, agora finalistas da licenciatura em Formação de Actores da ESTC (a que se juntaram entretanto colegas de outros anos), para realizar uma primeiríssima leitura pública da peça, após lhes ter falado em aula na figura histórica de Hipátia e na existência desta minha peça, de que tomaram conhecimento numa partilha lida em alta voz em sessão extra-curricular, na sala 310, a 17 de junho de 2019.

Planeada a edição impressa da peça em opúsculo, pela sempre incansável e entusiasta Dr.^a Luísa Marques, nossa muito querida bibliotecária e executiva editorial, recebe a ESTC um convite, por seu intermédio, endereçado pelo Coronel Freire da Silva, para que alunos nossos, como já acontecera em ocasião análoga, apresentassem textos em leitura, numa sessão a realizar sob a égide da Biblioteca do Exército. Hipátia, “a última luz da Biblioteca de Alexandria [como escreveu Carl Sagan em *Cosmos*] cujo martírio se relaciona com a destruição dela”, seria com efeito a personalidade ajustada para evocar num evento em que o mote reside no lugar e na função destes arquivos abertos para memória e consulta, presente e futura.

Esta conjunção inesperada permitiu a presente edição no formato em que se apresenta, graças ao apoio da Biblioteca e do Centro de Audiovisuais do Exército, que se juntou ao IPL na produção deste livro, fruto do labor de Luísa Marques. Esta sinergia interinstitucional permitiu expandi-lo numa edição bilingue, com a inclusão da tradução que da peça fez Alex Ladd, em 2010, para a única leitura encenada que a peça conheceu até à data, e apenas em língua inglesa, nos EUA, na Universidade de Cornell (Ithaca, estado de Nova Iorque), dirigida por Susan Rowland. E foi o texto de apresentação da peça que então escrevi para esse evento, na Ítaca norte-americana para onde viajei, numa missão apoiada pelo CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação), que aqui coloco como nota de abertura.

Reimprime-se aqui também a partitura da canção (de 2004) que compus para a peça, ‘Perséfone chama pela mãe’, num dueto vocal entre as personagens de Estela e Hipátia, graças à transcrição feita por

Paulo Jorge Pires, colega de juventude da Academia de Música Eborense, que várias vezes tem colaborado comigo na fixação de partituras de temas meus inseridos no guião das peças que escrevo.

Uma palavra grata ainda *in memoriam* para Cristina Marinho, professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, amiga que nos deixou precocemente e era uma grande admiradora deste texto, sendo da sua iniciativa a primeira edição da peça em inglês (sob o título *Hypatia's last lesson*), na publicação académica *Teatro do Mundo* (volume temático *Teatro e Censura*; Porto: Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto, 2013, pp. 237-288), que ela fundou e dirigiu por mais de uma década, em parceria com o também professor universitário portuense Nuno Pinto Ribeiro.

Amadora, 22 de outubro de 2019

Armando Nascimento Rosa

Nota de abertura

Morte de Hipátia coloca sob a forma de drama as circunstâncias que conduziram ao bárbaro assassinato, por fanatismo religioso, de Hipátia (370-415), filósofa pagã e astrónoma, matemática e professora, a única mulher que dirigiu, na Antiguidade, a Academia de Alexandria. É esta a data que os historiadores convencionaram (juntamente com o encerramento da Academia platónica de Atenas, em data próxima desta) para início simbólico da Idade Média. Ainda que se trate de uma livre recriação da tragédia de Hipátia, num exercício activo de imaginação dramática, procurei fidelizar alguma concordância histórica, consultando as magras fontes biográficas existentes sobre esta personalidade fascinante, bem como sobre outros rostos da época, que com ela se cruzam, e que surgem ou são nomeadas em cena, como sejam: o bispo, e ex-aluno de Hipátia, Sinésio de Cirene (que com ela se correspondeu e cujas cartas chegaram até nós), o governador Orestes, os patriarcas Teófilo e Cirilo de Alexandria, a imperatriz Pulquéria de Bizâncio, ou o gramático Paladas de Alexandria. Tal não impediu a invenção de uma série de personagens ficcionais que permitiram dotar de forma teatral algumas informações historiográficas que me pareceram imprescindíveis para uma recriação cénica com estas características. Inclui-se neste caso a figura da actriz Demétria, esposa de Orestes, cujo confronto com a protagonista proporciona uma evocação do célebre episódio de Orestes, enquanto discípulo apaixonado pela filósofa, bem como permite teatralizar os relatos que apontam uma ligação entre o crime contra Hipátia e a abertura de um teatro em Alexandria, por ordem de Orestes, no exercício do seu cargo de governador da cidade. Fazer de Orestes um dramaturgo a escrever sob o pseudónimo de Aristeu de Tebas é uma das várias invenções a que me entrego, no sentido de prestar tributo, seguindo a palavra de Aristóteles, à universalidade da poesia dramática em detrimento da particularidade do factual histórico (factualidade histórica que, neste caso, em grande parte desconhecemos). As identidades dos jovens alunos da Academia de Hipátia são também invenções em benefício da ficção dramática; sejam eles o escravo liberto Ebâneo, e o judeu Nazário, o espião Kariótis que entrega Hipátia aos sequazes de Cirilo, e a recém-chegada Estela, filha de Sinésio, que contradiz na fábula cénica a notícia biográfica de terem os dois filhos do bispo de Pentápolis morrido na infância. E se bem que os aspectos relacionados com a

manutenção do casamento de Sinésio, por este exigido à Igreja para ser admitido como seu prelado, estejam historicamente documentados, o perfil humano da sua esposa, Lavínia, é aqui de minha exclusiva lavra, fazendo face à falta de dados sobre a sua realidade biográfica.

Existiu uma versão inicial, publicada em 2004, sob o título de *A última lição de Hipátia*, com o formato de uma peça extensa em três actos, na qual a dramatização das últimas horas da filósofa de Alexandria, que constituía então o segundo acto, estabelecia um diálogo teatral com uma história de violência escolar ocorrida nos nossos dias. Resolvi agora autonomizar numa peça em um acto aquilo que dizia respeito ao tempo de Hipátia, concretizando uma intenção que alimentava há alguns anos, e que neste momento teve um motivo para acontecer, graças ao incentivo de Susan Rowland, responsável por dirigir a primeira experiência cénica que a obra conheceu, na Universidade de Cornell (Ithaca, EUA), em Agosto de 2010, na tradução inglesa de Alex Ladd. Esta é por isso uma obra inédita sem o ser inteiramente, uma vez que a intervenção fundamental que fiz foi a escrita de um prólogo e de um epílogo que conferissem autonomia dramática a esta variante breve da peça mais longa que a precedeu.

Entre a criação da primeira versão em 2002 e o momento presente, registo a leitura recente que fiz da obra de Maria Dzielska, *Hipatia de Alexandria* (na edição portuguesa de 2009) que, entre outros aspectos argumentados, defende ser um erro de interpretação documental sustentar que Hipátia teria 45 anos de idade na data em que foi assassinada. A estudiosa polaca propõe, pela primeira vez, a tese de que ela seria bem mais anciã e contaria já 60 anos em 415, quando o crime colectivo teve lugar. Ainda que me pareça plausível a tese de Dzielska, no que respeita à revisão da data de nascimento de Hipátia (antecipada para o ano de 455), não quis desfazer-me da ficção já antes elaborada. Mantenho por isso a fábula de acordo com a tese historiográfica tradicional, que a coloca a morrer na flor dos quarenta anos de idade, tal como o cineasta espanhol Alejandro Amenábar também o viria a fazer no filme *Ágora*, estreado em 2009, a primeira e notável incursão cinematográfica em torno de Hipátia, na qual esta é interpretada pela actriz britânica Rachel Weisz.

O ponto de partida para a escrita da peça foi o poema com que esta encerra, e que, na verdade, pré-existiu a todo o restante texto. Nele dá-se a entender, por exemplo, que o matemático Theon, pai de Hipátia, estaria ainda vivo quando a sua filha é cruelmente arrancada à

vida; facto historicamente erróneo que a própria peça contraria. De facto, Demétria, em diálogo com Orestes, refere-se a Theon no passado, fazendo subentender que se trata de alguém já falecido. A personagem de Lucinda refere explicitamente a coexistência de versões divergentes do episódio da morte de Hipátia, presentes na peça e no poema. A figura possível de *anima* que é Lucinda foi uma máscara juvenil para a autoria da peça, que me concedeu a liberdade criativa e um distanciamento de olhar de que necessitava, no sentido de me afastar de uma reconstituição ditada apenas pela documentação histórica. Através da decisão final de Lucinda, desejei manter a divergência entre o poema e a peça a que ele deu origem, como que acentuando simbolicamente o pouco que sabemos ao certo sobre Hipátia; e daí a necessidade que senti em activar a imaginação dramática, para a poder reinventar numa ficção teatral que procura comunicar connosco pela emoção e pelo pensamento, pelo prazer lúdico da cena e pela intuição, fazedora de símbolos.

Ithaca, Agosto de 2010

«Quelle âme avait chanté sur des lèvres plus belles,
et brûlé plus limpide en des yeux inspirés?

...

Le souffle de Platon et le corps d'Aphrodite
sont partis à jamais pour les beaux cieux d'Hellas!»

LECONTE DE LISLE, Hypatie (1847)

Personagens

Lucinda – Jovem estudante, autora da peça

Hipátia – filósofa de Alexandria

Sinésio de Cirene – bispo de Pentápolis, ex-aluno de Hipátia

Estela – Filha de Sinésio e de Lavínia (interpretada por Lucinda)

Lavínia – esposa de Sinésio

Orestes – governador de Alexandria

Demétria – atriz, mulher de Orestes

Nazário – aluno judeu de Hipátia

Kariótis – aluno de Hipátia, espião ao serviço de Cirilo

Ebâneo – aluno núbio de Hipátia

Cirilo – patriarca de Alexandria

Encapuzados – sequazes de Cirilo (todos os disponíveis para cada cena)

Helena de Tiro – personagem teatral interpretada por Demétria

Simão Mago – personagem da peça de Demétria

Pulquéria – imperatriz regente do Império do Oriente

Dois Guardas – (figurantes no espaço da plateia)

A peça pode ser interpretada por um mínimo de dez actores (quatro mulheres e seis homens), sendo que para tal a mesma atriz interpretará Lavínia e Pulquéria, e será o mesmo intérprete nos papéis de Cirilo e do actor que faz de Simão Mago.

Prólogo

LUCINDA (*Rodeada de livros, cadernos e um portátil*): Fiquei impressionada quando soube a sua história. Procurei saber coisas sobre ela na internet. Quis construir o enredo com personagens históricas. Mandei vir livros pelo correio. Adormeci um dia a ler um deles. E fui visitada pelo fantasma de Hipátia. (*Aparece Hipátia que murmura, rapidamente, palavras em surdina, incompreensíveis.*)

Não sei se durmo ainda ou não mas tu falas comigo. És uma voz escondida dentro dos meus olhos. Quando soube que existias senti a tua sombra. Tu vens pedir-me aquilo que eu desejo.

HIPÁTIA: Lucinda, eu quero que escrevas a minha história. As histórias sobrevivem aos lábios que as ditaram. A minha precisa de ti para não cair no esquecimento. De que me serve os livros falarem de mim se estiverem fechados nas estantes, nos cd's sem uso? O teatro, sim, é um livro vivo para quem vier com vontade de o ler. Chamo-me Hipátia, dou aulas em Alexandria, e morrerei todas as vezes que a peça for jogada. Mas hei-de ressuscitar nas tuas palavras. (*Lucinda abre o portátil e escreve, com entusiasmo, no teclado.*) Escreve, Lucinda, escreve. A partir desta noite serei hóspede do teu computador. Vou dar-te a conhecer as pessoas do meu drama. Eis que chegam os actores. (*A luz exhibe todas as personagens da peça.*) E o palco é a partilha do riso e da tristeza. (*Saem todos à excepção das personagens de Sinésio, Estela e Lavínia. Lucinda veste-se com o traje da personagem de Estela.*).

Cena 1

Sinésio de Cirene, um homem na casa dos quarenta, surge e dirige-se ao público. Veste uma toga clara de presbítero.

SINÉSIO: O meu nome é Sinésio, Sinésio de Cirene, como é uso entre nós juntar o nome ao lugar do nascimento. Nasci no mesmo ano em que Hipátia nasceu, 470 depois de Cristo. Não obstante o termos a mesma idade, foi ela a minha professora nas artes do espírito. Deixei Cirene aos vinte e um anos rumo a Alexandria, para ter aulas com essa mulher cuja fama se espalhava já por todo o Mediterrâneo. Astrónoma e filósofa, estudiosa dos astros do céu e das estrelas da

alma... Hipátia foi a primeira mulher a ensinar e a dirigir os destinos da Academia de Alexandria, construída à imagem da escola fundada por Platão em Atenas. O que hoje sou, o que hoje sei, a ela o devo. As suas sábias lições despertam a centelha divina que repousa dormente no crânio dos vivos. Hipátia acolhe no seu fórum alunos de todas as confissões religiosas, desde que mostrem o desejo natural de conhecer. Só em Alexandria isso é possível, cidade fundada pelo herói macedônio para juntar povos e crenças em convivência universal. Já então eu me havia seduzido pela palavra de Cristo. Hipátia admira muito o messias, mas prefere antes a religião de Pitágoras. Para ela Jesus é mais um dos espíritos de luz que desceu ao mundo depois de Orfeu e de Platão, de Euclides e de Plotino. Ela não quer dar relevo a um deles sozinho, apenas a satisfaz um panteão onde todos tenham um altar. Por isso os sectários acusam-na de nunca ter renunciado ao paganismo. Eles não compreendem que mais do que tolerância, o exemplo de Hipátia é o amor pela diversidade. Não havia uma voz assim, feminina, na filosofia, desde que Diótima, a mestra de Sócrates, fechou os olhos para a vida. Hipátia diz meio a brincar que talvez seja ela a reencarnação de Diótima. E quem sabe se não é essa a verdade? (*Acesso de tosse*)

Com ela aprendi a liberdade do espírito. Saí de Alexandria e segui o meu caminho. Sou também homem de ação. Combati os vândalos na Líbia numa guerra vitoriosa. Aceitei com relutância um cargo de poder em Pentápolis, na província onde nasci. Enviado a Constantinopla, consegui da corte uma redução nos impostos que pesavam sobre a minha cidade. Tornei-me ainda mais estimado pelos meus conterrâneos. Amei Lavínia, uma jovem egípcia e casámo-nos. Nasceram-nos três filhos, dois rapazes e uma rapariga. Para nossa desgraça, os nossos dois varões morreram na infância. Mas a nossa menina vingou. Está uma mulher. Demos-lhe o nome de Estela. (*Surge Estela e fala para o pai.*)

ESTELA: Pai, não esteja a falar tanto tempo que se cansa. Está a aborrecer estas pessoas com as suas memórias. Ainda acaba por piorar dos brônquios.

SINÉSIO: Deixa-me continuar, filha. Há olhos que me estão a seguir com atenção. (*Retoma o discurso.*) Um dia, o patriarca Teófilo de visita a Cirene impressionou-se com os meus dotes oratórios, e quis fazer-me bispo de Pentápolis. Mas eu nunca me vi como um servo de

sotaina. Reflecti durante meses se devia ou não aceitar o convite. Acabei por dizer sim, mas impus certas condições: não abdicaria das minhas crenças na preexistência da alma humana e na eternidade do mundo. E não se atrevessem a querer fazer-me acreditar nessa patranha da ressurreição do corpo no Juízo Final. O corpo é uma toga que se despe quando o tecido gasto não chega já para enredar o espírito. (*Novo acesso de tosse*) A Igreja teria de aceitar-me como sou se me quisesse nas suas fileiras. (*Surge Lavínia, trazendo-lhe a mitra, que ele coloca na cabeça e ambos caminham de braço dado até à boca de cena.*) E acima de tudo, eu jamais renunciaria ao meu casamento com Lavínia. O amor conjugal não me diminui as qualidades de pastor das almas. Só então Teófilo me baptizou e teve de sagrar-me bispo na catedral diante dos olhos comovidos da minha esposa e da nossa Estela.

LAVÍNIA: Foi uma cerimónia inesquecível. E a grande Hipátia enviou uma carta inspirada ao meu Sinésio, felicitando-o pela sua coragem, pela nossa coragem em afrontar um preconceito de atrasados afectivos. (*Sinésio tosse e senta-se na beirada de uma cama, que será o seu leito de morte.*) Mas os nossos inimigos desejaram-nos sempre tanto mal que dois filhos eu perdi ainda pequenos, e agora é o Sinésio que está a morrer dia após dia. O meu bispo guerreiro tem quarenta e três anos, eu tenho trinta e oito e vou ficar viúva. Uma asma maldita corrói-lhe o peito e vai roubá-lo de mim. E também a filha que me resta se quer ir embora e deixar-me sozinha neste casarão triste.

ESTELA: Lá está a mãe outra vez com essa lamúria. Eu não vou emigrar para Finisterra. Alexandria não fica assim tão longe.

SINÉSIO: Deixa ir a miúda. Está na idade de cultivar o espírito. Morro feliz por sabê-la aluna na Academia de Hipátia, tal como outrora eu fui.

LAVÍNIA: Mas tu eras um homem, tinhas outras defesas. Ela será apenas uma órfã de pai na segunda cidade de Bizâncio.

SINÉSIO: Estela levará consigo uma carta de recomendação escrita pelo meu punho. Hipátia dar-lhe-á o abrigo seguro como se ela fosse sua filha.

LAVÍNIA: Mas o caminho, meu Deus, o caminho! As estradas são tão perigosas, com salteadores à espreita em cada encruzilhada. Desde que o império se partiu em dois, a segurança já não é a mesma. Os bárbaros ameaçam em todo o lado. (*Sinésio tosse de novo.*) Não basta ficar sem marido por causa dessa asma maligna. Vou também perder a minha filha única. Ah! Os deuses ancestrais a que eu renunciei para casar contigo estão a vingar-se de mim. (*Esconde o rosto em pranto.*)

SINÉSIO: Não dramatizes, Lavínia, isto não é uma tragédia grega passada no Egito. Os bárbaros estão às portas de Roma, mas Constantinopla há-de aguentar-se ainda por muitos séculos.

ESTELA: Ó mãe, não se ponha assim, que me deixa sem saber o que fazer. Eu vou partir com uma caravana de peregrinos que regressam da Terra Santa. Eles irão passar por Alexandria. Estarei protegida. (*Sinésio deita-se, imóvel, e Lavínia cobre-o com um pano negro, carpindo em silêncio. Estela fala para o público.*) Mas acabei por não ir dessa vez. Esperei ainda mais dois anos. O meu bom pai morreu e a minha mãe precisou muito de mim, e eu dela. Só hoje sei o quanto, porque também ela me deixou, como se o meu pai e os meus irmãos lhe tivessem acenado em sonhos. Lavínia morreu envenenada depois de comer um guisado de cogumelos. Nesse dia fez um prato diferente para mim.

LAVÍNIA: (*Fita o público enquanto come de uma taça de barro.*) Estela quer ir estudar para Alexandria, e ainda não foi, só por causa da mãe. Ela receia deixar-me sozinha, entregue ao meu desgosto. Estes fungos secos que comprei a um fenício vão libertá-la do peso que sou eu. De resto já não estou viva desde que morreu Sinésio. Vou para junto dele. De certeza que ele e os meus meninos precisam de mim. Cleópatra matou-se com uma cobra capelo; eu sou mais plebeia, basta-me o veneno de cogumelos importados. (*Lavínia contorce-se em agonia e sucumbe. Estela murmura uma oração junto dela em silêncio. Depois retoma o seu discurso.*)

ESTELA: Lancei o derradeiro adeus à minha mãe morta, e parti para Alexandria numa expedição de mercadores. Vesti-me de homem para passar despercebida. Quando cheguei à cidade, Hipátia esperava-me na praça. Um soldado meu parente entregara-lhe uma carta que eu escrevi para ela, a avisá-la da minha viagem. (*Aparece Hipátia.*)

Cena 2

HIPÁTIA: Sê bem vinda querida Estela. Nos teus olhos vejo o brilho de Sinésio. Um grande amigo que o destino levou cedo. Era uma alma grande o teu pai.

ESTELA: Eu sei, e orgulho-me disso. Mas foi consigo que ele aprendeu a pensar. Também eu desejo que me ensine a iluminar o caminho. Ninguém como a Hipátia conhece o saber dos mestres gregos que fizeram a glória da filosofia.

HIPÁTIA: Que fizeram a glória, dizes bem. Mas já não fazem. Não quero iludir-te, Estela. A filosofia é hoje apenas uma bela mulher que todos julgam conhecer, mas que já morreu por dentro. Ela mantém o mesmo nome e o rosto maquilhado para esconder a idade. Mais parece uma múmia. Tem de fingir-se morta para que não a matem. Vieste aprender comigo a arte de invocar os mortos. Tem cautela não te acusem de bruxa por minha causa. Vivemos numa época estranha de ignorância e fanatismo. Da Grécia ficou só o vago amor pelos mitos, e de Roma o cheiro a sangue fresco dos gladiadores. Cristo anunciou um Deus diferente mas depressa os seus herdeiros desfiguraram aquilo que ele disse com dogmas ridículos. Sabes Estela, às vezes penso que a minha missão é inútil. São poucos os humanos capazes de evoluir neste mundo de trevas.

ESTELA: Não fale assim, por favor. A Hipátia é um astro vivo que irradia luz sobre os jovens. Morreu-me o meu pai e depois a minha mãe, mas eu não perdi o gosto pela vida. A vontade de aprender é o meu refúgio. Acredito no futuro, senão não tinha vindo ter consigo. Tenho sonhado dia e noite com a hora de entrar na sua escola. (*Inebriada*) Estou em Alexandria, junto de si... tudo isto me parece ainda tão irreal.

HIPÁTIA: Que bom sentires essa alegria. O teu entusiasmo contagia-me. Talvez eu esteja a exagerar. À medida que envelhecemos temos a ilusão de que o mundo irá morrer connosco. (*Espia os céus em ironia.*) Olha, o culpado disto é Saturno que hoje se cruza com Marte numa conjunção que me pôs maldispota. (*Ambas riem.*) Vem daí, vou

mostrar-te a casa onde vivo. Serás minha hóspede, a filha ou a irmã que nunca tive.

Cena 3

Demétria, sentada ao espelho, ultima a cosmética.

DEMÉTRIA: (*Penteia-se.*) Orestes, traz-me a diadema que está no cofre de marfim! (*Mais alto*) Ouviste-me Orestes? Olha que uma atriz como eu é capaz de dar berros capazes de estilhaçarem os cristais. (*Orestes entra contrafeito, com a jóia na mão.*)

ORESTES: Mas já não há criados no palácio? Tenho de ser eu a fazer o trabalho dos eunucos e das aias! (*Entrega-lhe a diadema.*)

DEMÉTRIA: Obrigada meu querido, és um amor, (*Apalpa-o no sexo.*) mas tu de eunuco não tens nada. Mandeí a minha aia comprar pó de arroz e os criados estão ocupados com o banquete. Precisava de te ter aqui ao pé de mim. Estou tão insegura, Orestes. Não sei como é que o público irá reagir ao meu espectáculo.

ORESTES: Ora Demétria, irão aplaudir-te de pé em euforia. Tu és a minha mulher. Os convidados da estreia não podem arriscar-se a desagradar ao governador da cidade.

DEMÉTRIA: Olha que simpático. As palmas que houver serão fruto do teu poder e não do meu talento. (*Amuada*) Podias dizer simplesmente que sou uma artista falhada.

ORESTES: Se fosses uma falhada eu não te faria minha esposa. (*Acarinhando-a.*) Foi a tua arte que me incentivou a reabrir o maior teatro da cidade, há vinte anos encerrado, desde a proibição de Teodósio. Bem sabes que irei enfrentar hoje os meus inimigos, os inimigos da tua arte; uma multidão mal encarada de religiosos fanáticos que cospem em tudo o que é nobre e vivo. Desde que Cirilo foi feito bispo, a Igreja tornou-se a mais perigosa das seitas. De Cristo apenas conserva o nome. Deitam fogo aos altares pagãos, profanam as sinagogas, lançam as calúnias mais vis a toda a gente que não se submeta aos seus dogmas. A reabertura do teatro não vai ser apenas um

facto mundano. É para mim um gesto político de primeira grandeza. O que fez de Alexandria uma cidade única foi a tolerância pelas crenças e pelo pensamento, a mistura entre mundos diferentes. É no prazer do teatro que podemos aprender de novo o que a cidade esqueceu.

DEMÉTRIA: É bem verdade o que dizes. Mas em vez de me tranquilizares, ainda me puseste mais nervosa. Eu percebo tão pouco de política. A minha política é a de representar bem o meu papel, a de emocionar o público para que se coloque no lugar das personagens, para que sofra e ria com elas.

ORESTES: E é tudo o que te peço hoje, minha querida Demétria. Se a tua arte for sublime, o meu plano realiza-se. Por vezes as pessoas desconhecem aquilo de que mais precisam. Há três drogas na vida pelas quais devemos criar vício: o teatro, o amor e a inteligência. Por isso é que estou viciado em ti. (*Abraçam-se.*)

DEMÉTRIA: Mas não foi isto que aprendeste na escola de Hipátia. Ela parece-me ficar-se pelo amor à inteligência, e o teatro só é bom se estiver de acordo com a filosofia dela.

ORESTES: Estás a ser injusta. Eu aprendi muito com Hipátia, e o que ela me ensinou de melhor foi a importância de pensar por nós próprios.

DEMÉTRIA: (*Despeitada*) Pensar, pensar, pensar... Essa mulher é um cérebro que nasceu com ovários. Um teorema gerado pelo pai que era matemático. Hipátia lembra-me a história de Atena, a deusa sem mãe a ser parida pelo crânio paterno. É uma criatura em que o corpo só serve para transportar o espírito em passeio.

ORESTES: Nunca consegues disfarçar os ciúmes que sentes por ela.

DEMÉTRIA: Tu amaste-a muito, de uma forma como jamais me poderás amar. (*Agarra Orestes com sentido de posse.*) Para mim o amor tem de passar pela carne. E essa mulher confunde-me sempre, porque professa um amor puro que só aos anjos é dado experimentar. Ainda se fosse feia ou aleijada, mas não. Hipátia é uma fêmea deslumbrante,

vaída com a sua virgindade perante uma assembleia que a deseja. Ela não é deste mundo, Orestes. (*Separam mutuamente o abraço.*)

ORESTES: Nenhum de nós é inteiramente deste mundo, e ela sabe-o melhor que ninguém. Hipátia é uma eterna estrangeira. É por isso que a odeiam tanto.

DEMÉTRIA: Eu não a odeio. Apenas me perturba o seu modo de ser.

ORESTES: Eu não me referia a ti, mas aos fanáticos que a difamam. Aliás, ela admira muito a tua arte, mesmo que não acredites. Recordo-me do fascínio com que falava de Sófocles nas aulas. E dizia-nos a rir que Platão escrevia diálogos por não conseguir fazer boas peças de teatro. Aposto em como Hipátia irá assistir hoje ao teu espectáculo, num lugar discreto da audiência.

Cena 4

Em cena, Hipátia e Estela; esta última está impressionada com o que vê. Dois alunos, Nazário e Kariótis, deambulam conversando; outro ainda, Ebâneo, consulta um papiro.

HIPÁTIA: Eis a famosa Academia com que tanto sonhavas. Tem o nome de Museu, porque está consagrada a todas as musas.

ESTELA: É um espaço imponente! E parece estar ligado à biblioteca.

HIPÁTIA: Sim. O que resta da biblioteca antiga é o nosso lugar de trabalho. Nela podemos dialogar com os sábios que viveram antes de nós. Mesmo com os ataques severos que já sofreu, não há no mundo outra que se compare em riqueza. É um labirinto onde gostarás de perder-te.

ESTELA: Sempre a imaginei como a Arca de Noé da cultura. Uma nau que nos salva do dilúvio da ignorância, no mar do esquecimento.

HIPÁTIA: Tens uma alma poética. Mas a arca está hoje ameaçada de morte. Eu bem tento ser o Noé possível desta memória de séculos. Mas há vozes mesquinhas que desejam afundar um tesouro que a todos pertence. Ouvem-se ameaças constantes de fogo posto. Ainda acabo um dia por morrer queimada neste templo, absorta nalgum papiro de Arquimedes. Os médiocres não suportam por perto aqueles que o não são. Cuidado Estela, protege-te sempre deles! Os médiocres são adversários perigosos. (*Aproximam-se, em conversa, Nazário e Kariótis, discípulos de Hipátia.*) Olha, aproveito para apresentar-te dois dos meus alunos, Nazário e Kariótis. (*Para eles*) A vossa nova colega Estela, filha de Sinésio! (*Cumprimentam-se com uma vénia discreta*)

NAZÁRIO: Sê bem vinda à Academia. O teu pai é um dos nomes ilustres que passou por estas salas.

KARIÓTIS: (*Algum desdém*) Queira Deus que saibas honrar esse testemunho.

ESTELA: Tudo farei para consegui-lo.

KARIÓTIS: Vivias na cidade onde teu pai foi bispo?

ESTELA: Sim, até ao dia em que me fiz à estrada na direcção de Alexandria.

KARIÓTIS: E nunca estudaste até hoje noutra escola?

ESTELA: Não, nunca. O Liceu de Pentápolis está vedado a mulheres. Mas também não me fez falta. Tive aulas particulares com o melhor professor local, o meu pai.

HIPÁTIA: Kariótis, vais dizer-me o porquê deste interrogatório! Queres que eu delegue em ti as provas de admissão a novos alunos? É isso? Que falta de tacto na recepção de uma colega. Nem pareces estudante desta casa.

KARIÓTIS: Desculpe, professora.

HIPÁTIA: É à Estela que deves pedir desculpa, não a mim.

ESTELA: Não tem importância. Sou filha de bispo. Estou habituada a rejeições.

NAZÁRIO: O Kariótis não fez por mal. É um rapaz curioso, mas às vezes torna-se inconveniente.

HIPÁTIA: E tu sempre a defendê-lo. Isso não o ajuda em nada. Cada um deve enfrentar os seus preconceitos. De outro modo jamais ascenderemos ao conhecimento verdadeiro. (*Aproxima-se Ebâneo, o aluno núbio.*)

EBÂNEO: Que lição estou eu a perder aqui no meio do átrio, professora? E na companhia de uma jovem tão bela... Espero que ela não seja apenas uma visita passageira ou, pior ainda, uma ilusão dos sentidos.

HIPÁTIA: Ebâneo é outro dos teus colegas, Estela. Este núbio ainda não aprendeu a lição de Platão. Está demasiado preso ao fascínio do corpo para poder aceder à beleza da alma.

EBÂNEO: Eu hei-de lá chegar, professora, mas com calma. No *Banquete*, diz o filósofo que o caminho para a intuição do espírito começa pelo encanto face aos corpos belos. Confesso que estou ainda no princípio do método. Mas ando a fazer progressos. Pois se esta jovem não tivesse também uma bela alma, como podia ela estar aqui na nossa Academia?

ESTELA: Obrigada pelo elogio, colega.

HIPÁTIA: O Kariótis não parece muito convencido disso.

EBÂNEO: (*Trocista*) Ah, mas os padrões de beleza do Kariótis são bem diferentes dos meus.

KARIÓTIS: Boa tarde a todos. Eu não sou obrigado a responder a escravos libertos. Adeus professora. (*Sai.*)

Cena 5

EBÂNEO: Eu não sei o que faz este fulano aqui. Ele está pior do que quando cá entrou há seis meses. É um tipo reaccionário.

NAZÁRIO: Foste tu que o irritaste, Ebâneo. Ele é uma pessoa dividida, entre a nossa Academia e a Igreja de Cirilo, onde é acólito.

EBÂNEO: Não viesses tu em socorro do teu querido. Vais dar-te mal, ouve o que te digo! O Kariótis é um falso. Fazes-te surdo ao que ele diz quando te ausentas. Ele acha que todos os judeus já deviam ter sido expulsos da cidade.

NAZÁRIO: Nunca o ouvi dizer isso, mesmo depois do assalto à sinagoga.

EBÂNEO: Ele está apenas a servir-se de ti.

HIPÁTIA: Foi um erro eu tê-lo admitido na escola. Pensei que o seu interesse pela filosofia era genuíno, e que a presença dele aqui podia ser uma forma de atenuar as hostilidades da Igreja contra os saberes que se ensinam na Academia. Mas enganei-me. E nem quero alimentar os meus piores pressentimentos.

ESTELA: Como assim, professora? Podemos partilhá-los consigo?

HIPÁTIA: *(Para Nazário)* Gostava de confiar nele como tu, Nazário, mas o teu juízo está turvado pela paixão. Suspeito que o Kariótis não passe de um espião ao serviço de Cirilo, e que nenhuma influência tem sobre ele o meu magistério.

NAZÁRIO: Não quero acreditar nisso.

EBÂNEO: Sabe-se lá o que Kariótis inventa só para agradecer aos ouvidos do patrão. D. Cirilo tem tanto de eloquência quanto de perversidade. *(Fala para Estela.)* Eu bem o sei por experiência própria, amiga Estela. Fui seu escravo desde criança, até que Hipátia me comprou para me dar a liberdade.

ESTELA: É terrível ser-se escravo. O meu pai dizia que a escravidão é a lepra moral que os filósofos esqueceram.

HIPÁTIA: E pagaremos caro essa cegueira... (*Temerosa*) Mas agora, por favor, não comentem a minha suspeita. Já basta a guerra surda em que vivemos. Especialmente tu, Nazário, agradeço que guardes sigilo.

NAZÁRIO: Pode contar comigo, professora.

EBÂNEO: O Nazário não é de fiar se o puserem ao pé do Kariótis. As paixões adoecem a razão.

NAZÁRIO: Bem podes dizê-lo. Tu andas sempre doente com cada morena do Nilo que te abana as pulseiras.

HIPÁTIA: Vocês precisam esfriar os instintos se quiserem dedicar-se a sério à filosofia. O espírito aprende a lidar com a carne e prepara-se para quando já não estiver a morar nela. A filosofia ensina-nos a morrer em vida, porque na morte física liberta-se a luz imortal que habita em nós.

ESTELA: É o que diz Platão no *Fédon*.

EBÂNEO: Mas essa tarefa é um tremendo sacrifício.

HIPÁTIA: O crescimento traz sempre as suas dores. O que é fácil não nos leva longe. E agora tenho de ir. O governador pediu-me que lhe fizesse o mapa astral para os próximos meses. Ele anda muito inquieto. Andamos todos inquietos.

NAZÁRIO: A professora não vai hoje à reabertura do teatro?

HIPÁTIA: Vocês sabem o que penso da arte dramática. Ela tanto pode conduzir à nobre motivação dos espíritos, como reduzir-se a um sortido de frivolidades. Não sei que peça terá escolhido Demétria. Mas uma coisa é certa: tem de haver lá um papel forte para ela brilhar. (*Risos*)

EBÂNEO: A peça chama-se *A Paixão de Helena de Tiro*. O autor é um tal Aristeu de Tebas, mas deve ser um pseudónimo. Eu a Helena de Tróia sei quem é, agora a de Tiro, desconheço em absoluto.

HIPÁTIA: (*Perturbada*) Não pode ser. Orestes deixou-se levar pelos caprichos da mulher. Ele tem de proibir o espectáculo. Essa peça vai provocar a fúria dos cristãos ortodoxos. Cirilo julgará que Orestes quis atacar publicamente a sua Igreja.

ESTELA: Mas que história é essa tão perigosa da Helena de Tiro?

HIPÁTIA: Não há tempo para explicar-vos agora. Tenho de correr para o palácio de Orestes. É preciso evitar mais um banho de sangue em Alexandria.

NAZÁRIO: Não será então prudente ir sozinha. Posso acompanhá-la?

HIPÁTIA: Se assim o quiseres, fico-te grata. E tu Ebâneo, podes continuar por mim a mostrar à Estela os recantos da Academia.

EBÂNEO: (*Sorrindo cúmplice para Estela.*) Prazer maior não conheço, professora. (*Cada par sai de cena em direcções opostas.*)

Cena 6

D. Cirilo, de mitra na cabeça, escrevinha de pé numa estante de leitura. Aparece Kariótis.

CIRILO: Chegaste hoje tarde, meu rapaz. Já julgava que te tinhas convertido à sereia pagã.

KARIÓTIS: Nunca duvide da minha lealdade, D. Cirilo. Atrasei-me na Academia porque Hipátia me apresentou uma nova aluna, filha do bispo Sinésio.

CIRILO: Esse bispo fornicador gerou uma filha que quer fingir-se tão esperta como um homem. E saiu ela de um lar pecaminoso para

vir instruir-se com uma mulher herege, pregadora dos erros dos antigos, que não conheceram a palavra de Cristo. Oh meu Deus, dai-me forças para combater os teus inimigos! (*Invocativo*) Vós, meu Altíssimo, que destes a coragem aos primeiros cristãos perseguidos, chacinados nas arenas de Roma, concedei-me a espada para arrasar a impiedade. Vós quisestes que o Império se convertesse à vossa fé e agora é a vossa Igreja que detém o poder absoluto. Nem pagãos nem judeus hão-de vingar nesta cidade pecadora. A História futura recordará o pulso justiceiro de Cirilo. É preciso esmagar a serpente.

KARIÓTIS: Não vai ser tão fácil como incendiar o templo de Serápis e derrubar os ídolos de pedra. A Academia é uma instituição venerável, e Hipátia é conselheira do governador, que representa em Alexandria o poder imperial.

CIRILO: Mais poderoso é o império de Deus, e Deus está do nosso lado. Hoje vão acontecer coisas muito graves. Orestes deseja provocar-me com a abertura do teatro, decerto instigado por Hipátia.

KARIÓTIS: Mas o que tem o teatro a ver com a nossa Igreja?

CIRILO: A arte teatral não é só diversão lasciva, trata-se de um culto pagão ao deus Dioniso. Ao colocar no palco a meretriz que ele tomou por esposa, Orestes quer deitar-me à cara a sua fé obscena. Eu não posso permitir que essas bacanais rivalizem com a minha eucaristia. Ainda ontem eu passava pelo fórum do Museu, e uma fila de gentilha amontoava-se à porta. Era Hipátia que discursava aos populares. Tinha mais gente a ouvi-la do que eu na missa de Domingo. Deve julgar-se a enviada do Olimpo, essa hipócrita. Virgem é que eu não acredito que ela seja, só se for no signo astrológico, já que gosta tanto de fazer horóscopos.

KARIÓTIS: Mas D. Cirilo, Hipátia não pode ser culpada pela decisão de Orestes. Como todos os platónicos, ela é muito austera com a arte do teatro.

CIRILO: Não sejas ingénuo, meu querido Kariótis. (*Afaga-lhe os cabelos e acaricia-lhe o rosto.*) Eu compreendo que a defendas. Afinal és aluno dela, e a sedução desse virago não pode deixar indiferente o teu

sangue de mancebo. Mas aprende comigo, que já vivi mais do que tu. Tortuosos são os caminhos da culpa. Um homem pode ser castigado pelos seus crimes através de uma falta que não cometeu. Mas o que interessa é a justiça feita. A aliança entre Hipátia e Orestes será fatal a essa mulher ambiciosa.

KARIÓTIS: (*Desafiador, escapando às carícias de Cirilo.*) E esse seu espírito de vingança, D. Cirilo, será ele apropriado a um bom cristão? Jesus ofereceu a outra face. Não pensou em esfacelar a dos outros.

CIRILO: Perdoo a tua insolência pelo amor que te tenho. É claro que Cristo deu a outra face e humilhou-se para melhor se exaltar. Mas o seu destino era a cruz e o martírio porque ele era o filho de Deus. Nós somos apenas seus modestos servidores. Não podemos adoptar por inteiro a sua conduta. O destino da Igreja de Cristo não é ver-se crucificada no Monte Calvário. Temos de fazê-la triunfar para além dos séculos, mesmo que para tal seja preciso esquecer o exemplo do seu fundador.

Cena 7

Orestes está sentado a ler o papiro com o guião da peça. Hipátia chega, em visível ansiedade. Nazário fica discretamente distanciado, dando mostras porém de estar a ouvir a conversa.

HIPÁTIA: Orestes, espero que já tenhas meditado bem na loucura que ordenaste.

ORESTES: Que se passa Hipátia? Vens tão afogueada! Parece que uma matilha te persegue. O espectáculo não começou ainda. Demétria maquilha-se no camarim e eu resolvi sentar-me um pouco aqui no palco.

HIPÁTIA: Vim da tua casa agora mesmo. Disseram-me que já te encontravas no teatro. Orestes, escuta-me! Vocês não deviam ter escolhido uma peça com um tema tão polémico. Cirilo aproveita tudo para incentivar tumultos em seu proveito.

ORESTES: Faça eu o que fizer, será sempre afronta para Cirilo. Só o facto de reabrir este teatro já é razão de sobra para que ele mobilize a sua pandilha. Mesmo que Demétria encenasse a paixão de Cristo e fizesse de Maria Madalena, Cirilo iria protestar dizendo que estávamos a escarnecer dos evangelhos. Para prevenir desacatos, mandei reforçar o número de soldados espalhados pelo teatro.

HIPÁTIA: Mas diz-me Orestes, era mesmo preciso escolher a história de Simão Mago para esta estreia? Todos os gnósticos são malditos aos olhos da Igreja, porque nunca se vergaram aos dogmas de Roma. Esses rebeldes encarregaram-se de inventar os mais variados mitos. E tu foste logo buscar o mais escandaloso de todos. Simão Mago que se diz enviado celeste, e descobre a alma do mundo encarnada numa jovem prostituta das docas de Tiro. Ambos irão pelas províncias romanas a pregar o amor livre e a concórdia universal, quinze anos depois da morte de Cristo. Blasfémia maior tu não encontras para enraivecer Cirilo.

ORESTES: Não me precisas lembrar o argumento, se foste tu que dele me falaste um dia nas aulas, e eu resolvi torná-lo em peça de teatro.

HIPÁTIA: Ah! Então és tu que te escondes por trás desse nome de Aristeu de Tebas, que ninguém conhece.

ORESTES: (*Envaidecido*) Um governador também tem direito a ser dramaturgo, ainda para mais estando casado com uma atriz de talento. (*Mudando a conversa.*) E tu, trouxeste o mapa astral que te pedi? Estou dependente dele para planear novas políticas.

HIPÁTIA: A astrologia não dá resposta a tudo, meu caro. Havia coisas mais importantes a dizer-te e esqueci-me de trazê-lo. Mas se estás assim tão ansioso, eu resolvo já isso. (*Chamando de viva voz.*) Nazário!

NAZÁRIO: (*Ele aproxima-se de ambos.*) Sim, professora.

HIPÁTIA: Fazes-me um favor. Com a pressa de vir, deixei o horóscopo do governador no meu gabinete. Trazias-mo antes de abrir o pano?

NAZÁRIO: É para já, professora. (*Sai.*)

ORESTES: Ter discípulos destes é um consolo de alma. Sinto saudades do tempo em que fui um deles.

HIPÁTIA: (*Nenhum dos dois deu por Demétria que os ouve a um canto recuado da cena.*) Orestes, tu sempre deste ouvidos aos meus conselhos. Eu peço-te que canceles este espectáculo. Não te rendas à vaidade de seres o autor da peça. Convince Demétria a desistir. Faz-lhe ver os riscos que todos nós corremos. A Igreja de Cirilo é a religião oficial do Império. Nós, os pagãos, como eles nos chamam, somos uma minoria em perda de influência. A imperatriz regente de Constantinopla é uma fervorosa beata que passa o dia no confessionário. O teu cargo não está seguro, meu amigo. Uma noite no palco pode custar-te a carreira. Vai avisar Demétria para limpar a pintura da cara, antes que chore as lágrimas da decepção. É preferível que ela chore agora, do que todos nós depois. (*Demétria dá a saber a sua presença, avançando para ambos.*)

DEMÉTRIA: (*Ferida*) Grande Hipátia, não passas de uma invejosa! Eu a concentrar-me para viver o meu papel, e a senhora professora a fazer intriga com o meu marido, no meio do palco. Os filósofos sempre tiveram ciúmes dos actores. Queres roubar-me os momentos de glória mas a actriz aqui sou eu e não tu. Se há tantas tribunas onde podes brilhar como oradora, por que diabo me queres negar a única que tenho? Vê-se mesmo que não sabes o que é o teatro. Podes ser muito versada nas ideias de Plotino e nos astros de Ptolomeu, mas de teatro não percebes nada. Chegas aqui e com um estalar de dedos dizes que o espectáculo não se faz. A Hipátia manda e a gente cumpre. Mas eu não chorarei sozinha. Há uma grande equipa que trabalha dia e noite para o sucesso desta estreia. O teatro é uma obra colectiva, não é a mesma coisa que escreveres os teus livros na solidão doméstica. Este cenário que aqui vês, estes músicos que ensaiaram vezes sem conta, os meus colegas actores que vieram de Roma. Com que cara vou eu anunciar que não há peça? Porque a doutora Hipátia, o segundo farol de Alexandria, nos deu luz vermelha!

ORESTES: Tem calma, Demétria. É natural reagires assim a quente, mas Hipátia está aqui para ajudar-nos.

DEMÉTRIA: (*Sarcástica*) Muito bem, Orestes, afinal a peça é tua. Vamos tirá-la de cartaz a pedido da censura. Mas não podemos defraudar o público. Proponho então um improviso que vou ensaiar já, porque é pouco o tempo que resta até abriremos as portas do teatro. A história é conhecida de vocês. É um desencontro amoroso e nada tem a ver com religiões. Corrijam-me se eu faltar à verdade. (*Didática, para o público*) Há dez anos atrás, o governador Orestes não governava nada ainda, era um simples aluno da Academia, fascinado pela sapiência. Melhor dizendo, estava mais fascinado pela professora do que pelas matérias que lá estudava. (*Hipátia manifesta intenções de sair.*)

HIPÁTIA: (*Fala para Orestes.*) Eu recuso-me a ser enxovalhada pela tua mulher.

DEMÉTRIA: (*Indu-la com gesto firme a sentar-se*) Por favor, eu quero que fiques. Se és uma mulher-homem como diz o povo, então hás-de ter figados para ver a cena dos teus actos. Já te esqueceste daquele epigrama de Paladas, o gramático, que tantos louvores lavrou a teu respeito? «Um palco, esta vida, e uma comédia; ou aprendes a dançar, deixando a sisudez de lado, ou aguentas as dores.»(*) (*Hipátia permanece contrafeita. Demétria retoma o seu número. Hipátia levanta-se para sair quando ela começa a falar mas não deixará de assistir à cena, ainda que a uma discreta distância.*)

O jovem Orestes está perdidamente apaixonado pela professora. As mulheres belas a ensinar dão sempre este resultado. Os jovens distraem-se com os ardores da natureza e esquecem-se de cultivar o espírito. Mas Hipátia é uma virgem de ferro e pretende dar uma lição ao seu pupilo. Um dia, no fim de uma aula, ele ganha coragem para declarar o seu amor.

ORESTES: Demétria, pára já com esta cena idiota!

DEMÉTRIA: Não posso, estou a ensaiar o improviso para hoje. Continuando então... O nosso Orestes abre o coração diante da sua mestra, mas nem supõe a resposta que ela traz para ele nas cuecas. De um só golpe, a grande Hipátia leva a mão às partes íntimas (*Demétria acompanha as palavras com o gesto e retira das cuecas um trapo sujo de sangue menstrual.*) e retira de lá um pano ensopado com o sangue das regras. Oh que visão repugnante! As filósofas também têm período como as

restantes fêmeas. É então que Hipátia lhe dá uma lição, espetando-lhe o trapo imundo debaixo do nariz (*Demétria exhibe o toalhete diante dos olhos de Orestes, e este vira o rosto, acabrunhado*): Observa bem este pano, rapaz! É isto que tu amas em mim. E olha que não é bonito de se ver!... Foram estas as suas palavras. O jovem Orestes fugiu apavorado de vergonha. O choque terrível podia tê-lo deixado impotente até ao fim dos seus dias. Não era caso para menos. Ponham-se no lugar dele. Andou a reunir forças para declarar o seu amor a uma sábia, e esta nem sim nem não, toca de lhe pendurar nas ventas o sinal vermelho da idade fértil. E com tantos dias que tem o mês, logo o desgraçado havia de se abrir com ela na altura da sangria, como eu estou hoje. É preciso não ter sorte nenhuma.

ORESTES: Basta, Demétria! Não te chega já de troça?

DEMÉTRIA: Estou mesmo a terminar. Falta-me só a moral da história, que é o mais importante. (*Pedagógica*) Orestes desistiu desse amor sem esperança e desde esse dia dedicou-se com fervor aos estudos e à política. Mas a acção de Hipátia, por cruel que pareça, tem o seu significado. Ela quis mostrar a Orestes que ele amava nela as *partes baixas* da condição humana. Para subir os degraus do saber era preciso que ele se abstrairse do sexo e acendesse as paixões do espírito. Todos os filósofos têm as suas alegorias. Platão escolheu a caverna. Hipátia preferiu o penso higiénico. Quem sou eu para criticá-la?... (*Orestes bate palmas lentas de ironia.*)

ORESTES: Bravo, minha querida. És genial na arte do improviso. É então isto que propões para hoje em lugar da minha peça?

DEMÉTRIA: É isto mesmo. Agrada-vos? Não me podem acusar de infiel à verdade histórica.

HIPÁTIA. (*Aproxima-se deles de novo.*) Abriste uma gangrena incurável na nossa amizade. Não tens direito de fazer paródia dos meus actos e das minhas convicções mais sagradas.

DEMÉTRIA: Agora podes avaliar o que senti, quando te vi a conspirar contra a peça que eu preparo há tantos meses. Também tu

não tens direito de privar-me do que é mais sagrado para mim: A minha arte, o meu teatro... Estamos quites, Hipátia.

HIPÁTIA: A minha missão falhou. Não esperem que eu assista ao drama de Helena e Simão Mago. Desejo que não aconteça aquilo que eu receio. Adeus e que o céu nos proteja a todos. (*Mais para si que para eles.*) Vou ver se encontro o Nazário. Estou a estranhar a demora. Já teve tempo de fazer o caminho duas vezes.

Cena 8

Junto a um espelho de água, Nazário cruza-se com Kariótis.

KARIÓTIS: (*Agarra Nazário e afaga-lhe o tronco.*) Tanta pressa porquê, Nazário? Vais para a vida da noite sem sequer me convidar?

NAZÁRIO: Se fosse, ter-te-ia dito, Kariótis. Bem sabes que os meus olhos estão em ti. Mas agora deixa-me ir. Estou atrasado. Fiquei de entregar este papel à professora.

KARIÓTIS: Que papel é esse mais importante do que eu?

NAZÁRIO: Não posso mostrar-te, é uma carta para Orestes.

KARIÓTIS: Foste promovido a mensageiro do governador. Estás um homem importante! (*Agarra-lhe num braço e torce-o para que a mão largue a carta.*) Mas vais dar-me a cartinha primeiro, Nazarinho. Tenho de fiscalizar o correio do estado. É uma norma de segurança.

NAZÁRIO: Larga-me Kariótis, estás a magoar-me a sério. Ainda me partes o braço. (*Com a dor acaba por soltar a carta da mão.*) És um bárbaro!

KARIÓTIS: Por isso é que tu gostas de mim. Os bárbaros são tipos irresistíveis.

NAZÁRIO: Isso é um documento confidencial. Não penses em abri-lo!

KARIÓTIS: (*Tira o selo do manuscrito e abre-o.*) Não pensei. Já abri. Com que então mais um horóscopo da Hipátia para o manda-chuva da cidade.

NAZÁRIO: (*Nervosíssimo*) E agora o que é que eu faço?

KARIÓTIS: Nada. Deixas-te ficar aí quietinho, para não fazeres asneira. (*Observa o documento.*) O nosso Orestes tem muitas conjunções nefastas no horizonte. Os astros não estão do seu lado. Olha que maçada. Logo hoje que a mulher se prepara para mostrar a todos o que tem de melhor.

NAZÁRIO: Por que é que és tão bronco, Kariótis? A Academia não te ensinou nada?

KARIÓTIS: Mas eu estou a falar a sério. Aquilo que a Demétria tem de melhor não são os dotes de atriz? Pelo menos é o que diz quem a viu nos palcos onde actuou, antes de casar com Orestes. Agora o problema é a peça que ela escolheu para hoje. D. Cirilo não está nada contente.

NAZÁRIO: Mas essa peça não deve subir à cena.

KARIÓTIS: Como é que tu podes dizer uma coisa dessas?

NAZÁRIO: Hipátia aconselhou Orestes a desistir dos seus intentos, para não afrontar Cirilo.

KARIÓTIS: Hipátia defensora de Cirilo! Queres que eu acredite nisso? (*Enlaça-o e remexe-lhe nos cabelos.*) Tu passas demasiadas horas naquela maldita biblioteca e a tua linda cabeça deixou de funcionar como deve. (*Beija-o.*) Porque é que não pensas antes em mim? Eu sou mais saudável do que ler pergaminhos e entoar a Torah.

NAZÁRIO: Vou contar-te uma coisa, mas tu prometes-me segredo absoluto.

KARIÓTIS: Claro que sim. Andaste a brincar aos espões?

NAZÁRIO: Eu ouvi a conversa de Hipátia com o governador. *A Paixão de Helena de Tiro* é uma peça escrita por Orestes. Nem mesmo Hipátia o sabia. Ele conheceu a história de Simão Mago quando foi aluno da professora há dez anos atrás. *(Cirilo aparece de súbito, como que emergindo da sombra)*

Cena 9

CIRILO: Que história interessante nos conta o teu amigo! *(Kariótis e Nazário separam abruptamente o seu abraço. A carta astral cai da mão de Kariótis para o espelho de água. Cirilo fala para o seu acólito.)* Tomei a liberdade de seguir-te, Kariótis. No calor do pecado, fazem-se muitas confidências. Mas é chegada a hora da penitência. *(Surgem, como num cerco, seis sinistras figuras encapuzadas; disfarce monástico, rostos ocultos por capuzes grandes e máscaras aderentes.)*

KARIÓTIS: *(Aterrado)* Que quereis de mim, D. Cirilo? Eu seduzi o judeu para obter informações sobre Hipátia. Estou a trabalhar para si e para a nossa Igreja.

CIRILO: Eu sei, não precisas temer mais esta prova.

NAZÁRIO: *(Para Kariótis)* Traidor nojento! *(Recua para fugir.)*

CIRILO: Agarra esse cordeiro, Kariótis! *(Kariótis obedece e prende os punhos de Nazário.)* E agora o nosso menino vai dizer-nos em voz alta: Quem foi o autor moral da peça que temos de boicotar hoje? Temos de saber o nome do herege para lhe dar um castigo exemplar. É preciso purificar Alexandria da pestilência pagã. Quem foi, rapaz?

NAZÁRIO: Foi o governador.

CIRILO: Não. Eu disse o autor moral. É uma autora, não é verdade? Estes irmãos precisam de ouvir o nome dela, para que possam cumprir a sua missão.

NAZÁRIO: Da minha boca não saem calúnias.

CIRILO: Refresca-lhe as ideias, Kariótis!

KARIÓTIS: (*Aflito*) Mas eu não quero fazer-lhe mal!

CIRILO: Então preferes receber o castigo reservado aos sodomitas?

KARIÓTIS: Não, isso nunca!

CIRILO: Estamos todos à espera.

KARIÓTIS: Fala Nazário! Quem ensinou a Orestes o enredo da peça? (*Kariótis mergulha a cabeça de Nazário no espelho de água.*) Basta dizeres o nome! (*Uma e outra vez ele vai deixando a cabeça de Nazário mais tempo debaixo de água. Kariótis alarma-se cada vez mais com o silêncio dele.*) Diz o nome dela, judeu de merda! Eu não quero matar-te!

CIRILO: Se nos disseres o nome, eu absolvo os teus pecados, que são muitos e graves. Deves encarar esta tortura como um baptismo da alma. Não queremos que morras, meu filho. Ainda és jovem e podes regenerar-te. A tua fé é irmã da nossa. Basta que digas o nome da culpada!

NAZÁRIO: (*Com voz sumida quando Kariótis lhe puxa a cabeça da água.*) Hipátia.

CIRILO: Mais alto, meu filho! Dois dos nossos irmãos são um pouco surdos.

NAZÁRIO: (*Um pouco mais alto*) Hipátia.

CIRILO: Todos ouviram o que este amigo disse. Confirmaram-se as nossas suspeitas. Sigamos para o teatro. O espectáculo deve estar a começar. (*Saem todos deixando Nazário caído junto à água, a soluçar. Kariótis fica para trás e ambos cruzam olhares uma última vez. Estela e Ebâneo aparecem em seguida, à procura de Nazário.*)

Cena 10

ESTELA: Que se passou contigo Nazário, foste assaltado?

EBÂNEO: Por que é que estás a chorar assim? Quem é que te fez mal?

NAZÁRIO: Eu choro porque sou covarde. Sou pior que os vermes da terra. Quero morrer, Ebâneo, quero morrer. Tu tinhas razão. Kariótis é um novo Judas.

EBÂNEO: Eu já calculava que era ele o responsável.

ESTELA: A Hipátia estava tão preocupada sem saber onde te encontrar. Ela parece que adivinha as coisas.

NAZÁRIO: Eles querem matar Hipátia. É preciso impedi-los!

EBÂNEO: Tu deliras? Eles quem?

NAZÁRIO: Os homens de Cirilo.

Cena 11

Música orientalizante. Espaço cénico iluminado com archotes. Demétria entra em cena como Helena de Tiro, odalisca numa dança de véus. Sentado na posição de lótus, está o actor que faz de Simão Mago, com um traje de homem do deserto. Começam o diálogo quando termina a música. Há encapuzados de pé no espaço da plateia.

HELENA DE TIRO: Dancei para ti como pediste.

SIMÃO MAGO: Obrigado, Helena. A tua dança tem o ritmo dos planetas. És a mulher que eu tenho procurado pelos portos da África e do Bósforo.

HELENA: Mas tu não me conhecias. Como é que me podias procurar?

SIMÃO: Já nos encontrámos noutras vidas. Nos teus olhos há o reflexo de outros rostos que eu amei há muitos séculos, desde o princípio de tudo.

HELENA: Eu também acredito nisso, sabes? Às vezes sonho que um profeta voador me vem buscar e me leva com ele pelo mundo, como se eu fosse a sua estrela-guia. A minha colega de quarto ri-se do meu sonho. Diz que todas nós sonhamos com o homem mágico, mas logo que ele chegasse iríamos traí-lo com o próximo cliente. Mas ela é diferente de mim. Nunca se lembra dos sonhos que tem. Como é que tu sabias que me vinhas encontrar num bordel do cais?

SIMÃO: Estive atento a todos os lugares. Não nasceu Cristo numa pobre cabana? Quando te vi neste prostíbulo percebi que não lhe pertencias. A tua vocação é mais alta do que esta de saciar as fantasias da carne solitária. Helena, sou eu o mágico do teu sonho, capaz de prodígios. Lançar-me pelos ares e pousar de mansinho como as pombas. Dar uma ordem às pedras para que delas brote uma fonte de água fresca. Falar com as feras e amansá-las com o meu canto de embalar. Recitar um poema e fazer com que as pessoas acordem o deus que há dentro delas. Por isso me chamam Simão Mago. Vivemos neste mundo adormecidos. Se vieres comigo, poderemos despertar quem nos dê ouvidos, nas aldeias, nas cidades e nos campos.

HELENA: Mas eu sou uma mulher vulgar. Aquilo que eu te posso dar tantas outras o poderão também.

SIMÃO: Escuta, Helena, tu és a alma do mundo. Não te conheces a ti mesma, mas tens o poder da inspiração. Serás a papisa do meu culto. Eu sou o espírito do mundo que busca manifestar-se, mas sozinho entristeço e apago-me. É por isso que preciso de ti e tu de mim. Nós dois juntos seremos fortes como deuses. Só o amor nos torna indestrutíveis.

HELENA: (*Rindo-se pelos dois, em espanto irónico.*) A alma do mundo é uma prostituta, e o espírito do mundo é um ilusionista?! Nunca vi louco como tu! Mas se é a lei do amor que vais pregar pelos caminhos... (*Simão aquiesce com o gesto de cabeça.*) Então aceito ser a tua esposa e palmilhar contigo as estradas da terra. A alma e o espírito abraçam-se no meu e no teu corpo. Nunca esta cama sonhou núpcias tão sagradas. (*Rebolam-se num abraço de amantes. Os encaпуzados irrompem por entre o público, com vozearia e assobios de protesto.*)

ENCAPUZADO 1: Acabem com esta vergonha!

ENCAPUZADO 2: Estão a trocar do nosso messias! Hão-de arder todos no fogo infernal!

ENCAPUZADO 3: Isto é escandaloso! Parece o evangelho de Maria Madalena.

ENCAPUZADO 1: Aposto que foi a bruxa pagã quem escreveu esta indecência. *(Orestes interrompe a representação, aparecendo a meio do palco, tentando acalmar os ânimos.)*

ORESTES: Silêncio, meus senhores. Estamos no teatro. Não há quem esteja a insultar as crenças de ninguém. Os actores oferecem a sua ficção. Haja bom senso para apreciar a linguagem da arte.

ENCAPUZADO 2: Morte a todos os idólatras! *(Ouve-se o insulto logo seguido de um projectil lançado por um dos encapuzados, que atinge Orestes na cabeça, fazendo-o cair. Demétria acode aflita ao marido. Encapuzados cruzam rapidamente o palco da representação para roubar archotes.)*

DEMÉTRIA: *(Para a plateia)* Guardas, prendam o criminoso! *(Orestes levanta a cabeça ensanguentada e completa a ordem de prisão, entretanto executada por dois figurantes com traje alusivo, que imobilizam o encapuzado 2 e o levam para fora do olhar do público.)*

ORESTES: Que o meu agressor seja açoitado até cuspir todos os nomes desta acção terrorista!

Cena 12

Estela e Hipátia descem da quadriga. Um estrado de madeira em fundo finge dois degraus de entrada.

HIPÁTIA: A esta hora está o espectáculo no fim. Trago comigo o pior dos presságios.

ESTELA: Que será que aconteceu? Ebânneo foi assistir e garantiu-me que passaria aqui por casa ainda esta noite, se houvesse razão de alarme.

HIPÁTIA: Tu não foste acompanhá-lo por minha causa. Não é que eu goste de atizar o fogo de Eros entre os meus alunos. Mas chegaste há tão pouco de viagem, e vale a pena conhecer o melhor palco da cidade.

ESTELA: Fica para outro dia. Depois de encontrar o pobre Nazário naquele estado, não tive vontade de me meter no teatro em dia de estreia. Vamos entrar, professora?

HIPÁTIA: (*Olhando o céu.*) Fiquemos cá fora um pouco mais. É uma noite quente de Março. Eu sei que deves estar cansada da viagem... Mas sinto arrepios por todo o corpo, como se os invisíveis quisessem comunicar comigo e eu não decifrasse a linguagem. Que tristeza esta, Estela, o sermos surdos para os mistérios maiores da existência. (*Como quem tenta ouvir o inaudível.*)

ESTELA: E é a professora que diz isso, depois de conjugar como ninguém a filosofia e a matemática, a astronomia e a música! (*Para o público como se se dirigisse a ouvintes hipotéticos.*) Hipátia conhece os segredos de Elêusis, não me espanta que oiça a voz dos espíritos. (*Vira-se para ela.*) Diga-me qual deles lhe ditou esta melodia: (*Tranteia*) A colher o narciso mãe eu me perdi...

HIPÁTIA: Como é que tu sabes essa canção? Foi da tua idade que a compus.

ESTELA: O meu pai aprendeu-a consigo. Ele ensinou-a à minha mãe e ela cantava-ma para eu adormecer em bebé nas noites de lua. Sei a letra toda.

HIPÁTIA: Quero ouvi-la na tua voz. Vou buscar a flauta. Talvez seja isto que as musas me pedem. (*Grave*) Uma canção antes da despedida.

ESTELA: Qual despedida? Então eu acabei de chegar hoje?

HIPÁTIA: *(Atalhando a conversa.)* Despedida, digo eu, antes de nos irmos recolher. *(Vai buscar a flauta algures.)* Esqueci a flauta no banco do jardim. Podiam tê-la roubado.

ESTELA: Costumava trautear esta canção com a minha mãe. Sinto-a próxima de mim cada vez que a canto. É como se eu fosse a Perséfone raptada e chamasse por ela no país dos mortos.

(Hipátia senta-se no degrau e começa a tocar a flauta, dando o tom e o mote musical da canção que ambas interpretam em dueto.)

ESTELA: A colher o narciso, mãe
Eu me perdi
Nestas trevas eu sinto, mãe
Falta de ti
Raptara-me o senhor dos mortos
Comi romã dada por corvos
Agora eu amo a longa escuridão
Por ele aqui prendi meu coração

HIPÁTIA: Pediste em vida à morte por socorro
E eu que sou vida sem te ter já morro
Chora comigo a terra, está deserta
Sem ti não sei como é que o grão desperta

ESTELA: A colher o narciso, mãe
Eu me esqueci
Na noite desta vida mãe
Quase morri
Pelo amor dele eu fui sagrada
Dormia e já estou acordada
Saudade em mim da tua luz em flor
Faz deste amor à morte a minha dor

HIPÁTIA: Hás-de voltar a mim na Primavera
Deixarás teu marido à tua espera
Porque filha, do mundo alma tu és
E reínas sobre tudo o que não vês

ESTELA: (*Depois de terminar a canção, alarmada.*) Vem ali um bando de gente. Parecem salteadores. O que andarão a fazer a uma hora destas?

HIPÁTIA: Ouve Estela. Se me acontecer uma fatalidade, ficas a viver na minha casa. Eu não tenho descendentes. Conheci-te hoje mas é como se já fôssemos amigas desde sempre. Seres filha de Sinésio é seres também um pouco minha filha. Deixei esta decisão por escrito para que nada te falte. Continuarás a estudar na Academia se acaso a não fecharem entretanto. Seja como for, não desistas. Longo e amargo é o caminho do espírito. Mas doces e eternos são os frutos do seu pomar. E lembra-te, eu estarei a velar por ti do lado de lá.

ESTELA: (*Em aflição*) Mas então sempre é verdade o que disse o Nazário? Esta gente tem intenções de matá-la?

HIPÁTIA: Sim, Estela! E eu preferia o cálice da cicuta a esse tropel de feras que aí vem. (*Olha o céu.*) A minha alma é agora uma Perséfone que pede à mãe Deméter que a leve depressa deste inferno.

ESTELA: (*Lança-se nos braços de Hipátia.*) Que horror, Hipátia. Matarem-na a si que é o astro mais brilhante do deserto. Na vida tenho a sina de perder os que mais amo. Foi o meu pai e os meus irmãos, depois a minha mãe, e agora a professora.

HIPÁTIA: Carreguemos o fardo com coragem, minha filha. O conflito entre os deuses provoca a demência nos mortais. Para epitáfio escolho a pergunta de Paladas, um amigo que partiu antes de mim. (*Recita um epigrama de Paladas de Alexandria.*)

«Acaso estamos mortos e só aparentamos
estar vivos, nós gregos caídos em desgraça,
que imaginamos a vida semelhante a um sonho,
ou estamos vivos e foi a vida que morreu?» (*)

Cena 13

Chegam encapuzados à boca de cena, alguns portando archotes. Kariótis é um deles.

ENCAPUZADO 1: Está muito escuro aqui. Não sei qual delas é a bruxa.

KARIÓTIS: Eu vou indicar-vos quem é a Hipátia. (*Avança na direcção de ambas.*) Boa noite, professora (*Beija-a na face.*) Está a dar lições de música em horário nocturno?

HIPÁTIA: Não tens vergonha, impostor? Vires com luvas de seda depois do mal que fizeste ao Nazário e a nós todos?

KARIÓTIS: Um mal nunca vem só, professora. E eu nada posso fazer contra isso.

ENCAPUZADO 1: (*Gritado*) Vamos a ela, irmãos! A áspide pagã não há-de empestar mais o ar de Alexandria. (*Dois encapuzados agarram-na nos braços com violência.*)

ENCAPUZADO 2: (*Agarra no braço de Estela.*) Então e esta aprendiz? Não se leva connosco para a última lição?

KARIÓTIS: Larga a rapariga. Acabou de chegar hoje à cidade. Elas mal se conhecem. (*O encapuzado obedece a Kariótis. O colectivo em fúria agarra Hipátia e levam-na para fora de cena. Estela permanece com Kariótis.*)

Cena 14

ESTELA: (*Faz tenção de ir atrás da turba, mas Kariótis impede-a, barrando-lhe o caminho.*) Esses monstros vão matá-la. Alguém tem de fazer qualquer coisa. Chamar as autoridades... Eu não acredito que tu, um discípulo dela, a entregues assim nas mãos dos assassinos.

KARIÓTIS: Eu salvei-te a vida. Não arranjes motivos para pô-la em perigo outra vez. Ninguém vai parar a fúria colectiva. Hipátia representa para eles o diabo pagão a abater. Vão despi-la e humilhá-la na praça. Mas só ficam sossegados depois de lhe arrancarem a carne com cascas de ostra e de incendiarem o resto do cadáver no monte Cinaron.

ESTELA: Então é assim que a vão matar... e tu falas disso como um rude açougueiro. Eu desejei tanto vir para Alexandria. Mas não era para conversar cara a cara com o horror absoluto. Não sei porque é que me poupaste a vida. Nunca peças que to agradeça! (*Kariótis vai para falar mas Estela tapa ambos os ouvidos com as mãos.*) Por favor, não sujes mais as palavras! Vai, vai atrás deles. Tu és da sua laia. Nada temos em comum senão o facto de pisarmos o mesmo chão nesta noite maldita. (*Kariótis sai de cena. Estela corre desorientada e no espaço da plateia cruza-se com Cirilo, disfarçado de velho mendigo.*)

Cena 15

CIRILO: Para onde vai minha menina, à hora em que já devia estar no abrigo do lar? (*Estela não consegue conter o choro.*) Não chore por causa da sua professora. Eu estava escondido nos arbustos. Vi a desgraça que sucedeu com ela.

ESTELA: Ajude-me a procurar socorro. Eles vão matá-la!

CIRILO: Oh, minha filha, neste momento já o coração dela deixou de bater. Eles eram muitos e traziam muita raiva.

ESTELA: Mas porquê todo este ódio? Hipátia era uma pessoa inofensiva, dedicada à ciência e ao ensino.

CIRILO: E de que lhe serviu tanta ciência e tanto ensino? Acabou por tombar de uma forma mais vergonhosa que as adúlteras e as feiticeiras. E foi traída por um dos seus alunos. Não a tome por modelo, minha filha. Ela lavrava no erro da idolatria. Foi a vontade de Deus que reuniu esta gente humilde, para fazer um acto de justiça popular. Este povo de fé nem sabe o que se ensina na Academia, nem que livros se acumulam na biblioteca. A ambição dos sábios nunca trouxe nada às suas vidas simples de trabalho. Para eles Hipátia é uma herege, uma pecadora sem perdão, que nunca aceitou juntar-se às ovelhas da nossa igreja. A sua soberba atraiu a ira dos fiéis. Tudo está certo, minha filha. Deus sabe o que faz. O bom cristão não necessita da magia dos astros, nem da filosofia que duvida de tudo. Bem pode morrer essa mulher que nasceu com o sexo trocado. Bem podem arder

as estantes das bibliotecas. Tudo o que precisamos é da palavra do Senhor que está na Bíblia, o livro que vale por todos os livros.

ESTELA: Mas que espécie de mendigo é você? Sob o disfarce da pobreza, esconde-se um vil apóstolo da ignorância. O seu Deus não pode ser o pai de Cristo. Um Deus de amor e compaixão não incita os filhos ao homicídio.

CIRILO: (*Cínica frivolidade*) Marota, descobriu a minha máscara! Vesti-me de mendigo para que me desse atenção. Como vê, também sei servir-me do teatro. Sou D. Cirilo, o patriarca da cidade. Foi o meu tio Teófilo que sagrou bispo o seu paizinho. Gostei de conhecê-la. Apareça um dia na catedral e abra o coração ao caminho da verdade! (*Cirilo afasta-se. Estela fica petrificada; abre a boca para responder-lhe, mas refreia-se.*)

Cena 16

(*Orestes, com a cabeça entrapada, e Demétria aguardam com inquietação a chegada de Pulquéria, a imperatriz-regente. Ao fundo, uma cadeira imperial.*)

DEMÉTRIA: Mas ela nunca mais chega... Chamou-nos com urgência e agora não aparece para receber-nos.

ORESTES: Pulquéria está-nos a fazer um jogo de nervos. É a demonstração da autoridade. Quer que eu me sinta pisado pelo seu poder.

DEMÉTRIA: Um poder muito provisório. Pulquéria é imperatriz apenas enquanto o irmão não tiver mudado a voz. Quando nascer o buço ao miúdo, ela volta de vez à sacristia.

ORESTES: E daí talvez não. Diz-se que o pequeno Teodósio é tão frouxo como era o pai. Quando chegar à idade viril, a irmã continuará a dirigir os destinos de Bizâncio. (*Interpelando Demétria.*) As mulheres gostam de mandar na sombra dos homens, e eles nem percebem que estão a ser manipulados. Putos crescidos sorvendo as tetas de mães emprestadas.

DEMÉTRIA: E o contrário disso ainda é mais verdade. Os machos foram sempre os controleiros das fêmeas.

ORESTES: Obstinação! És uma furiosa dramática. Hipátia estaria ainda viva se tivesses seguido o conselho dela, e eu não passava este vexame de ser agredido por fanáticos. Alexandria vai escapar-me entre os dedos, vais ver se não tenho razão. Pulquéria só esperava um pretexto. E agora o teu número de ontem deu-lhe o motivo que ela queria.

DEMÉTRIA: O meu número, não, o nosso! A peça era tua, não te esqueças. E se isso for verdade, se ela te der hoje a demissão, porquê lamentá-lo? Uma cidade que cospe na arte do drama e que fomenta o assassinio dos espíritos nobres não merece que gastes com ela a tua energia. Se persistires, acabarás como Hipátia, com os ossos assados na praça pública.

ORESTES: É verdade, Demétria. Depois disto eu sinto é vontade de partir para longe, contigo.

DEMÉTRIA: Vês, Orestes, e depois dizes que mando em ti. Eu apenas leio o que te vai na alma.

Cena 17

Entra Pulquéria, em pose imperial, trajando de viúva.

PULQUÉRIA: Esperaram uns momentos porque terminava a novena da manhã. Chamei-vos aqui por duas razões. Começo pela menos importante. *(Para Demétria)* A Demétria sabe que eu desprezo o seu ofício. Sou uma cristã e o teatro nasceu com os falsos deuses da Grécia. É um vício que deverá ser extirpado dos nossos costumes. Fiquei desagradada por saber que levou por diante um espectáculo imoral, indigno da esposa de um governador... *(Demétria defende-se de imediato.)*

DEMÉTRIA: ...E mal começou foi logo boicotado por gentinha ruim!

PULQUÉRIA: Não me interrompa! Ainda bem que o foi. (*Benzê-se*) Deus faz valer a sua vontade neste mundo através dos pobres de espírito.

DEMÉTRIA: Vossa excelência está então a proibir-me que exerça a minha profissão.

PULQUÉRIA: Não será preciso fazê-lo, como verá... Passo à segunda razão de vos ter chamado. Orestes, a sua conduta foi irresponsável, ao ceder à vaidade desta mulher em mostrar-se seminua no maior palco da cidade. Isso levou a que fizesse prisioneiro um bom cristão, e o açoitasse até à morte no calabouço.

ORESTES: Mas, ó grande Pulquéria! Esse homem feriu-me na cabeça e pertencia a uma seita de perigosos desordeiros. Os mesmos que tiraram a vida à grande Hipátia.

PULQUÉRIA: (*Enfastiada*) Não estou a tratar do caso dela mas do seu, Orestes. Você perdeu a autoridade que tinha perante o povo de Alexandria. Vejo-me obrigada a destituí-lo do seu cargo. Mas em atenção aos seus bons serviços no passado, tenciono transferi-lo para a ilha de Chipre, para aí administrar as nossas explorações de cobre.

ORESTES: (*Amargo*) Vou então ser um patrão de mineiros nessa ilha esquecida. Muito bem, minha imperatriz. Aceito de bom grado a sua generosidade. Talvez lá os actores como a Demétria sejam melhor tratados. Mas um último pedido eu tenho a fazer-lhe.

PULQUÉRIA: Pois faça!

ORESTES: Peço-lhe que não deixe impune este crime monstruoso, que manchou para sempre a História da nossa cidade. Que culpa era a de Hipátia para ter de morrer desta maneira horrenda?

PULQUÉRIA: Eu não guardo simpatia por essa pagã, mas isso não me impede de sentir piedade por ela nesta hora de luto. Chamei por isso um conselheiro para guiar a minha decisão. Ele sugeriu-me que esquecêssemos o sangue derramado, em vez de estarmos a fazer correr mais sangue ainda. Essa mulher era uma alma transviada. Por certo que

com a morte Deus há-de conduzi-la à verdadeira luz. Não deixemos que a vingança nos roa o coração.

ORESTES: Não é vingança que peço, é justiça!

PULQUÉRIA: Maior justiça é a que vem de Deus.

DEMÉTRIA: (*Cínica*) Estou curiosa, excelência, em conhecer o autor de tão sábios conselhos.

PULQUÉRIA: (*Surge Cirilo, com seráfico sorriso, sob a luz da cena.*) Ei-lo! Podeis beijar as suas mãos antes de vos fazerdes ao mar para Chipre. (*Cirilo estende-lhes as mãos para a benção.*)

ORESTES: (*Sarcástica humildade*) Oh não, minha imperatriz! Temos combatido o fogo posto que alastra na biblioteca. Nossos lábios estão gretados do calor e do fumo. Poderiam macular as santas mãos de D. Cirilo.

Cena 18

(*Estela e Ebâneo estão junto a uma porta fechada. Por trás da porta há um incêndio, mimado por luzes e fumo.*)

ESTELA: Nazário, abre a porta! Sabemos que estás aí.

EBÂNEO: Tu és tonto? Abre já a porta! Queres morrer queimado?

ESTELA: Ele não responde. Será que perdeu os sentidos?

EBÂNEO: (*Empurra a porta sem êxito.*) Este louco trancou-se por dentro. (*Força a porta até conseguir abri-la.*)

ESTELA: O fumo não deixa ver nada! (*Espreitam.*) Olha, é ele ali caído!

EBÂNEO: Vou buscá-lo.

ESTELA: Cuidado, Ebâneo, o tecto está prestes a ceder. *(Ebâneo desaparece na sala enquanto Estela, nervosa, o observa. Ebâneo sai em seguida trazendo às costas o Nazário inconsciente. Estendem-no no chão e ambos o tentam reanimar. Estela molha-lhe os lábios com um cantil. Nazário reage.)*

EBÂNEO: Vamos sair daqui. Este piso está condenado. *(Trazem-no em braços até à boca de cena)*

NAZÁRIO: *(Muito combalido)* Para quê acordarem-me? Eu queria morrer na companhia dos meus livros.

EBÂNEO: O terceiro ataque ao edifício no espaço de um ano. Mas este é o mais grave de todos.

ESTELA: Não sei como é possível haver quem faça coisas destas. As bibliotecas são bosques do saber. Se os queimarmos, não nascem outra vez.

EBÂNEO: *(Para Nazário)* Para que queres tu morrer? Não achas que houve já morte com fatura? Depois de Hipátia, eles desejam matar os nossos mortos que vivem nos livros. Não podemos deixá-los vencer. A Academia não fechará enquanto vivermos, e esta biblioteca há-de resistir até ao último manuscrito.

NAZÁRIO: Esses bárbaros atiraram archotes para dentro das salas de leitura.

ESTELA: Vim a tempo de assistir à ruína dos lugares com que sonhava. Cheguei tarde demais a Alexandria.

NAZÁRIO: E eu traí a nossa Hipátia. Não mereço a vossa amizade. Deviam-me ter deixado esturricar lá dentro.

EBÂNEO: Para esturricado estou cá eu e não quero concorrência.

ESTELA: Ouve Nazário! O que eles te obrigaram a dizer sob tortura é irrelevante. A morte de Hipátia já estava decidida. Armaram a cena contigo para nos assustar a todos.

EBÂNEO: É urgente salvar as obras dela. Arderam as estantes com os exemplares de consulta geral. Mas no gabinete de Hipátia guardam-se cópias de tudo o que nos deixou.

NAZÁRIO: *(Com novo fôlego)* Obrigado pela força, amigos. Sinto-me como a Fénix a nascer das cinzas. Sabem o que vou fazer? Combater o fogo para que não se propague ao resto do Museu.

EBÂNEO: Fazes bem! Iremos lá ter depois de pôr a salvo os escritos dela.

(Estela e Ebâneo caminham apressados e deparam-se com Kariótis a carregar rolos de manuscritos para um carrinho de mão. Estela e Ebâneo cercam-no.)

Cena 19

ESTELA: Que estás aqui a fazer?

EBÂNEO: Para onde julgas tu que levas isso?

KARIÓTIS: Para o lugar que lhe está destinado: a fogueira.

ESTELA: Como é possível que tenhas sido aluno de Hipátia?

KARIÓTIS: Estes escritos são inimigos da minha fé.

EBÂNEO: Tu não vais matá-la uma segunda vez. Essas obras são tudo o que temos de Hipátia para as gerações vindouras.

KARIÓTIS: Dela só há-de ficar a memória de uma morte violenta. As pessoas adoram crimes sangrentos.

ESTELA: Todos os da tua seita invejam Hipátia, até depois de morta. O teu querido Cirilo não suportava que ela juntasse mais gente a

ouvi-la no fórum do que ele a pregar no púlpito. E tu és apenas o laçao desse assassino, que enche a boca com o nome de Deus.

KARIÓTIS: Cabral! Chegaste ontem e já estás feita com o escravo.

ESTELA: Escravo és tu, desse demónio que te possui.

KARIÓTIS: (*Gestos obscenos*) Possuída estás tu, vadia, pelo fogo do preto que te abraça as carnes.

EBÂNEO: Tu não insultas a Estela à minha frente! (*Ebâneo deita-o ao chão e envolvem-se em luta corpo-a-corpo. A certa altura, Kariótis puxa de um alfange curto e agarra Estela como refém, colocando-lhe a lâmina no pescoço.*)

KARIÓTIS: (*Para Ebâneo*) Se tocas nos pergaminhos, ela é uma mulher morta. (*Dois encapuçados surgem e levam o carrinho com os escritos para fora de cena. Kariótis solta Estela.*)

Cena 20

Aparece Sinésio à boca de cena, um fantasma de teatro.

SINÉSIO: (*Olha para Estela, que está atrás de si em imobilidade.*) Não filha, não te vim buscar. Ainda não chegou o tempo de viajares para este lado. Mas é grande a minha mágoa. A Alexandria que encontrei pouco tem a ver com a cidade que amei. Eu, o defunto Sinésio de Cirene, venho dizer-vos que os inimigos de Hipátia conseguiram o que queriam. Dos livros dela apenas se conhecem dois ou três nomes, porque todos se perderam nas chamas. E o mais revoltante é a glória recebida por Cirilo. Ele que fora o cérebro do crime e todos o sabiam. Mas isso não chegou para manchar-lhe a memória. Essa raposa velha que nasceu no mesmo ano que eu e durou até aos setenta e quatro anos... Acabou canonizado. Isso mesmo! Fizeram dele um santo da Igreja. S. Cirilo de Alexandria, festejado pelos católicos a 9 de Fevereiro e pelos ortodoxos a 9 de Junho. E em 1882, o papa Leão XIII proclamou-o doutor da Igreja. Sou fantasma de teatro mas não sou mentiroso. Consultem uma enciclopédia e logo verão. Adeus meus amigos. E oiçam um conselho que vos dá este morto careca, que foi

feito bispo, mas nunca se calou perante a impostura: Não rezem nunca a S. Cirilo! (*Gargalha e sai.*)

Cena 21

Todos os actores se reúnem e recolhem papéis espalhados pelo chão. Revezam-se na leitura do poema, cujo título é lido em voz alta pela actriz que foi Estela: - A última lição de Hipátia – poema em sete estrofes. O poema é partilhado por todo o elenco numa espécie de leitura encenada. Os discursos directos pertencentes a Hipátia devem ser lidos pela actriz que a interpretou

LUCINDA: Fiz um poema antes de escrever esta peça. É outra ficção sobre o seu último dia. Ainda não sabia muito dela, nem hoje o sei. Tão pouco se conhece sobre Hipátia. É preciso inventar a sua verdade.

Estavas agitada no interior de ti
E também a tarde em sombras de poeira escura
Atingia o átrio o vento do deserto
Não era geómetra o bafo da trovoadas
E como ele invadira insidioso a sala-mor da tua Academia
Sempre temerária, quiseste contemplar de perto a cólera de Zeus
Chamaste os teus discípulos a seguir-te
E sendo tu pouco dada às minúcias de Aristóteles
Proferiste a tua aula derradeira
Como era uso dele em périplo nos claustros
- É próprio dos humanos não saber o que lhes reserva o dia não findo!
Podias tu ter dito olhando o rosto atento e grato de um aluno
Que te recordou Sinésio
Qual Cassandra descuidada de seus súbitos augúrios

A lição mal terminara e o palafreneiro chamou-te
Chegara um mensageiro a avisar-te que teu pai tombara despedido
Na escadaria da biblioteca
Que caíra em delírio, murmurava teoremas
E clamava pela filha filósofa antes de se despedir do corpo
Os cavalos inquietos aguardavam-te ao portal do teu templo do saber

Partiste com eles no impassível nervosismo de papisa amargurada
Mas fora tudo uma cilada
Não era teu pai o moribundo
Mas sim tu, Hipátia, às mãos de humanos monstros
Um bando de marionetas inflamadas assaltou-te a quadriga
Soltaram os cavalos, ataram-te a uma das rodas já imóveis
Traziam sacos cheios com pedras, cascas de ostra
destinados a atingir-te
E diziam-se cristãos, calcula tu ...
Dilacerava-te o enxame dos projecteis
A horda gritava enlouquecida com palavras decoradas:
- Que eras bruxa pagã, prestavas culto a Hermes, falso deus;
que invocavas as almas dos mestres gregos mortos para poderes
ensinar;
que as tuas aulas eram antros de deboche onde balançavas nua hetaira
entre os braços púberes dos pupilos;
que pregavas viver nossa alma muitas vidas;
que já tinhas sido homem em várias delas;
que te davas aos amores da viciosa Safo;
que eras hermafrodita, porque a uma mulher não fora dado ser tão
sábua;
que troçavas do Deus rancoroso de Moisés, ao dizê-lo máscara falsa
de assustar petizes ...
Depois já não ouviste mais
A frente em chaga, um Cristo fêmea sem coroa de gravetos

Antes de sobrevir o fármaco da inconsciência a apagar-te os sentidos
Cogitaste ainda:

- Por que razão tenho eu de abandonar meu corpo nesta vida
com tanto sofrimento, tanta humilhação?
Será porque a fortuna e a vontade me foram leves que a morte minha
tem
de assim pesar?

Não, Platão, tu estavas enganado!
Se experimentasses em ti esta agonia, saberias que o mal não é apenas
uma ausência de ser

O mal tem o seu próprio ser, um rosto vazio e tenebroso
O Mal existe, possui o seu arquétipo no plano inicial da Criação

O Mal que esteve lá na geração do mundo, no deus menor que vomitou
este universo ...
o mal, o mal ...

Continuavam a matar-te e morta estavas
Possessos por obscuros demónios
Despedaçaram, selváticas, teu corpo nu Agáves inscientes
E passearam-te o cadáver em frangalhos como troféu de caça
inominável
Reclamavam-se de Cristo os teus carrascos
Mas quem pudera apelidar tal feito atroz
com a legenda dorida do amor nazareno ?

A tua última lição Hipátia
Como Sócrates, foi a tua própria morte
Já não a cicuta, só o sangue em jorros
A carne desfeita embebida nas areias
do pó de Alexandria

Desta esfera infecta teu espírito foi expulso
Não cabia nela, eras luz demasiada
Por ti chorou o céu com lágrimas iradas
A água violenta da borrasca as ruas alvejou
As ruas por onde o corpo teu sangrante haviam arrastado
A meteorologia lavou depressa os rastos desse crime
A cães vadios teus restos crus a fome mitigaram

Antígonas tardias, temerosas,
Teus alunos palmilharam travestidos a húmida cidade
Nada encontraram para no teu túmulo repousar
Nem sequer um osso roubado aos dentes dos mastins
De entre os embuçados, houve um fitando a noite as mãos ao céu
erguidas
a consolar o desamparo de todos:
- Olhai amigos, companheiros desta dor

Hipátia é agora plena estrela viva
Centelha divina em regresso à morada celeste
Situada para além deste cosmos de ilusão e morte
Nada deixou de matéria sua na vil prisão do mundo
Somente a lembrança dela em nós que a amámos de amor puro.

Epílogo

Lucinda está de novo a escrever no portátil, como no início, observada de perto por Hipátia.

LUCINDA: A acção da peça termina assim com um poema assustador. Mas eu queria saber mais sobre quem foste, Hipátia. Recriei contigo o teu último dia de vida e o que eu queria era ouvir uma lição tua, assistir ao espectáculo do teu pensamento. Não cheguei a conhecer-te...

HIPÁTIA: Não te importes com isso, Lucinda. O que juntas inventámos já é suficiente para que o teatro me lembre. E depois, é bem melhor que cada espectador imagine a sua Hipátia. A partir de agora, há um fantasma de mim que fará companhia à solidão de todos os que estiveram hoje aqui connosco.

Fim

(*) As duas citações da autoria de Paladas de Alexandria, que ocorrem nas cenas 7 e 12, foram colhidas do volume *Epigramas*, em edição bilingue, com tradução de José Paulo Paes (São Paulo: Nova Alexandria, 1992).

LETRA E PARTITURA DO TEMA MUSICAL

PERSÉFONE CHAMA PELA MÃE

- PERSÉFONE: A colher o narciso, mãe
Eu me perdi
Nestas trevas eu sinto, mãe
Falta de ti
Raptara-me o senhor dos mortos
Comi romã dada por corvos
Agora eu amo a longa escuridão
Por ele aqui prendi meu coração
- DEMÉTER: Pediste em vida à morte por socorro
E eu que sou vida sem te ter já morro
Chora comigo a terra, está deserta
Sem ti não sei como é que o grão desperta
- PERSÉFONE: A colher o narciso, mãe
Eu me esqueci
Na noite desta vida mãe
Quase morri
Plo amor dele eu fui sagrada
Dormia e já estou acordada
Saudade em mim da tua luz em flor
Faz deste amor à morte a minha dor
- DEMÉTER: Hás-de voltar a mim na Primavera
Deixarás teu marido à tua espera
Porque filha, do mundo alma tu és
E reinas sobre tudo o que não vês

Perséfone chama pela Mãe

Letra e Música de Armando Nascimento Rosa
Transcrição de Paulo Jorge Pires

(♩ = 72) Am  Am E Am F (Fine)

A co-lher o nar-ci-so, mãe____ Eu me per-di Nes-tas tre-vas eu

5 G C G

sin-to, mãe____ fal - ta de ti Rap - ta - ra - meo se - nhor dos

8 C A A⁷ Dm

mor - tos Co - mi ro - mã da - da por cor - vos A -

11 Fm C B

go - racu a - moa lon - ga escu - ri - dão Por ele a - qui pren - di meu co - ra -

14 E C Dm

ção Pe - dis - teem vi - daã mor - te por so - cor - ro Eeu

17 F Dm Am C

que sou vi - da sem te ter já mor - ro Cho - ra co - mi - goa ter - ra, está de -

20 Dm F Dm E

ser - ta Sem ti não sei como é queo grão des - per - ta

23 Am E Am F
A co - lher o nar - ci - so, mãe — Eu mees-que - ci na noi - te des - ta

26 G C G
vi - da mãe — Qua - se mor - ri Plo a - mor de - leeu fui sa -

29 C A A7 Dm
gra - da Dor - mi - ae já estou a - cor - da - da Sau -

32 Fm C B
da - deem mim da tu - a luz em flor Faz des - tea - mor à mor - tea mi - nha

35 E C Dm
dor Há - de vol - tar a mim na Pri - ma - ve - ra Dei -

38 F Dm Am C
xa - rás teu ma - ri - do à tu - aes - pe - ra al - ma do mun - do fi - lha, é quem tu

41 Dm F Dm E *D.S. al Fine*
és — E rei - nas so - bre tu - do o que não vês —

Excertos da peça em português tiveram uma primeira leitura pública apresentada pelo grupo de estudantes - que prepara a estreia integral da leitura encenada no momento da presente edição em livro - do curso de Teatro, ramo Actores, da Escola Superior de Teatro e Cinema, na 2.^a Sessão do Ciclo de Encontros “Comunicar a Informação: boas práticas”, em 5 de dezembro, de 2019, no Palácio dos Marquês do Lavradio, em Santa Clara, Lisboa.

Encenação da leitura: **Miguel Mateus**

ELENCO

LUCINDA – **Sara Ferreira**

HIPÁTIA – **Vera Santana**

SINÉSIO – **João Condeça**

LAVÍNIA – **Andreia Valles**

ESTELA – **Sara Ferreira**

DEMÉTRIA – **Teresa Silveira Machado**

ORESTES – **Pedro Marujo**

EBÂNEO(A) – **Siobhan Fernandes**

KARIÓTIS – **Pedro Miguel Jorge**

NAZÁRIO – **Gonçalo Martins**

D. CIRILO – **Pedro Peças**

SIMÃO MAGO – **André Lopes**

PULQUÉRIA – **Inês Marques**

ENCAPUZADO 1 – **André Lopes**

ENCAPUZADO 2 – **Andreia Valles**

ENCAPUZADO 3 – **Inês Marques**

Responsável de Produção: **Diana Especial**

DEATH OF HYPATIA

SCENIC HISTORICAL FICTION

ARMANDO NASCIMENTO ROSA

ENGLISH TRANSLATION BY ALEX LADD

«Quelle âme avait chanté sur des lèvres plus belles,
et brûlé plus limpide en des yeux inspirés?

...

Le souffle de Platon et le corps d'Aphrodite
sont partis à jamais pour les beaux cieux d'Hellas!»

LECONTE DE LISLE, Hypatie (1847)

Opening note

Death of Hypatia dramatizes the circumstances surrounding the barbaric murder of Hypatia (370-415 AD), the pagan philosopher, astronomer, mathematician, teacher, and only woman director of the Academy of Alexandria in antiquity. Historians typically point to the date of her death at the hands of religious fanatics, in 415, as the symbolic beginning of the Middle Ages (along with the closing of Plato's Academy in Athens at approximately the same time). Although mine is a free dramatic rendition of Hypatia's life, I also tried to be as faithful as possible to the historical facts, consulting the meager existing biographical sources¹ on this fascinating woman as well as that of other historical figures of the time who inhabit my play or are mentioned in it, such as: Synesius of Cyrene, bishop and former student of Hypatia's (whose letters to her have survived); Governor Orestes; the patriarchs, Theophilus and Cyril of Alexandria; Pulcheria, the empress of Byzantium; and Paladas of Alexandria, the grammarian. This did not prevent me from inventing several characters, allowing me to dramatize historical information I deemed essential for a play of this type. A case in point is Demetria, Orestes' actress wife. Her confrontation with Hypatia helps bring to life the famous run-in Orestes had with Hypatia while he was her love struck disciple. It also helps dramatize reports that point to a link between Hypatia's murder and the opening of a theater in Alexandria by order of Orestes in his capacity as governor. Making Orestes a playwright who writes under the pseudonym Aristeus of Thebes is one of several whims I gave in to, in a tribute, of sorts, to Aristotle's notion that the realm of historical facts is what did happen (the particular) and that dramatic poetry is what may happen (the universal). Of course, it helps that in this case we know so little about what happened anyway. Hypatia's young students at the Academy are also fictitious and include Ebonius, a freed slave; Nazarius, a Jew;

1 - An article by Nancy Nietupski, «Hypatia of Alexandria: Mathematician, Astronomer, and Philosopher» which appeared in the second volume of *Alexandria - The Journal of the Western Cosmological Tradition* (edited by David Fideler, Grand Rapids, Michigan: Phanes Press, 1993, pp. 45-56), was very helpful to me, since Nietupski comments the several sources we have on Hypatia (beginning with the eight primary written sources), followed by the English translation of three of the most important of these sources, translated by Jeremiah Reedy: «The Life of Hypatia», from The Sudda, «The Life of Hypatia», by Socrates Scholasticus, and «The Life of Hypatia», by John, Bishop of Nikiu (pp. 57-64).

Kariotis, a spy who delivers Hypatia to Cyril's followers; and Stella, a recent arrival to the Academy and daughter of Synesius (contradicting the historical record that tells us that the Bishop of Pentapolis' two sons died in infancy). And although Synesius' demand that the church accept his marriage before becoming prelate is well documented, my profile of his wife, Lavinia, is solely the product of my imagination and addresses the lack of biographical data on her.

As a full-length in three acts, under the title of *Hypatia's Last Lesson*, the play was first published in Portugal in 2004. In that previous version, the last hours of the philosopher's life make up the second act, which engages in a sort of theatrical dialogue with a present-day story of school violence. From that full-length came this one-act play about Hypatia, fulfilling an idea I first had a few years ago, which now has become reality thanks to the encouragement of Susan Rowland, responsible for the very first staged reading of this work (based on the English translation of Alex Ladd), in Ithaca (New York State, USA) at Cornell University (Robert Purcell Community Center, Lecture Hall, 11/08/2010)². This then is a new play that isn't entirely new, since I have also added a prologue and an epilogue that help this shorter variant stand on its own, separate from its longer predecessor.

In between the first version of my play in 2002 and the present, I had the opportunity to read Maria Dzielska's *Hypatia of Alexandria* (in the Portuguese edition, 2009), which argues, among other things, that it is a misreading of the historical record to maintain that Hypatia would have been 45 years old at the time of her death. The Polish scholar proposes -- for the first time - that Hypatia would have been far older and would have already celebrated her 60th birthday in 415 A.D, the year Hypatia was murdered. Although Dzielska's thesis revising the year of Hypatia's birth (which she moves back to 355 AD) seems plausible, I decided to keep to the original narrative surrounding Hypatia. So my tale follows the traditional interpretation of the historical data, which places her death in the flower of her fortieth year, a choice also made by Spanish filmmaker Alejandro Amenábar in his film *Agora* (2009), the

2 - A rehearsed reading of the one-act play, bearing the former title of *Hypatia's last lesson*, under the direction of Susan Rowland, was presented at Cornell University as part of the program of "On the Edge: Psyche in Ethics, the Arts and Nature": A Conference of Research in Jung and Analytical Psychology (10th - 14th August 2010), held jointly by The Jungian Society for Scholarly Studies and the International Association for Jungian Studies.

first and remarkable foray of Hypatia into cinema, where she is played by British-born actress Rachel Weisz.

My starting point for writing this play was the poem that ends it and that actually pre-dates the rest of the text. In this poem we are given to understand that the mathematician Theon -- Hypatia's father - - was still alive when his daughter's life was cruelly taken from her, which would be historically inaccurate and is contradicted by the play itself. In fact, Demetria, in a scene with Orestes, refers to Theon in the past tense, leading us to understand that he was already dead at the time. Lucinda explicitly makes reference to the existence of differing versions of Hypatia's death in the play and in the poem. Lucinda -- an *anima*-like being -- is a teenage mask I created for myself as the author, giving me the creative freedom and distance I needed in order to avoid writing a play informed merely by the historical evidence. Lucinda's decision at the end of the play allowed me to maintain these divergent versions of Hypatia's fate, underscoring symbolically how little we know for sure about this woman philosopher. It was this uncertainty that triggered in me the desire to resort to dramatic imagination to reinvent Hypatia as a character in a play, one that seeks to communicate with us by way of emotion and ideas, by theatrical playfulness and by intuition, maker of symbols.

Ithaca, 11th August 2010

Characters

Lucinda – A young student, the author

Hypatia of Alexandria – A philosopher from Alexandria

Synesius of Cyrene - Bishop of Pentapolis, Hypatia's former student

Stella - Synesius and Lavinia's daughter (played by Lucinda)

Lavinia – Synesius' wife

Orestes - Governor of Alexandria

Demetria – An actress, Orestes' wife

Nazarius - Hypatia's student, Jewish

Kariotis– Hypatia's student, a spy working for Cyril

Ebonius– Hypatia's student, Nubian

Cyril - Patriarch of Alexandria

The hooded ones - followers of Cyril (all actors available for scenes in question)

Helen of Tyre - A character played by Demetria

Simon Magus – A character in Demetria's play

Pulcheria - Empress of the Eastern Empire

Two Guards - (extras mixed with the audience)

The play can be cast with a minimum of ten actors (four women and six men), with the same actress playing Lavinia and Pulcheria, and the same actor the roles of Cyril and the actor playing Simon Magus.

Prologue

LUCINDA (*Surrounded by books, notebooks and a laptop*): I was impressed when I heard her story. I'd researched her on the Internet and wanted to build a plot using historical characters. I ordered books by mail and fell asleep one day reading one of these [books], when the ghost of Hypatia visited me.

(*Enter Hypatia muttering quickly uttered words, incomprehensible*)

I don't know if I'm asleep or awake, but you still talk to me. You are a voice hidden in my eyes. When I discovered you existed I felt your shadow. You come to me and ask me what I want.

HYPATIA: Lucinda, I want you to write my story. Stories outlive the lips that utter them. Mine needs you so as not to slip into oblivion. What use is it if books mention me but remain closed on shelves, or if recordings of my story go unplayed? Theater, though is a living book for those willing to read it. My name is Hypatia, I teach in Alexandria, and die every time this play is performed. But I will be born anew in your words. (*Lucinda opens the laptop and types excitedly*) Write, Lucinda *write*. From this evening on, I inhabit your computer.

I will introduce you to the characters in my play. Behold, the actors arrive. (*Light up on all of the characters in the play*) The stage is a space where laughter and sadness are shared. (*Exeunt all except Synesius, Stella and Lavinia. Lucinda is dressed as Stella*)

Scene 1

Synesius of Cyrene, a man in his forties, appears and addresses the audience. His attire, a light toga, tells us he is a priest.

SYNESIUS: My name is Synesius, Synesius of Cyrene -- it is customary among us to add the place of birth to one's name. I was born the same year as Hypatia, 470 AD. Although we were the same age, she was my teacher in matters of the spirit. At 21, I left Cyrene and moved to Alexandria to study with this woman whose fame had spread throughout the Mediterranean. Astronomer and philosopher, scholar of heavenly bodies and of the soul's stars. Hypatia was the first woman to teach at - and to manage - the Academy of Alexandria, the famed institution built in the image of Plato's Academy in Athens. What I am

today, what I know today, I owe to her. Her wise lessons awaken divine sparks that lie dormant in the skulls of the living. Students of all faiths are welcome in Hypatia's school provided they exhibit a natural desire to learn. Only in Alexandria, a city founded by the Macedonian hero to unite people and beliefs in peaceful coexistence, is such a school possible. At the time, I had already been seduced by the word of Christ. Hypatia admires the Messiah, but she is an adherent of Pythagoras' religion. For her, Jesus is one among the enlightened spirits that descended upon the Earth after Orpheus and Plato, Euclid and Plotinus. She does not want to elevate one above the other, only a pantheon where every one of them has an altar will satisfy her. It is for this reason the sectarians have accused her of never having renounced her pagan creed. They don't understand that more than tolerance, Hypatia represents love of diversity. There had not been a female voice like hers in philosophy since Socrates' teacher -- Diotima -- closed her eyes forever. Hypatia says, half-jokingly, that perhaps she is the reincarnation of Diotima. And who is to say she's not? (*a fit of coughing*)

She taught me how our spirits can be free. By the time I left Alexandria it was to embark on my own path. I am also a man of action, you see. I fought and was victorious in battle against the Vandals in Libya. Then in Pentapolis, the province where I was born, I accepted a position of power, not without reluctance. I was sent to Constantinople, and there I cut the taxes that weighed so heavily on my city. I grew even more in my countrymen's esteem. I fell in love with Lavinia, a young Egyptian and married her. We had three children, two boys and one girl. Sadly, our two boys died while still young. But our daughter survived. She is now a woman. We gave her the name of Stella. (*Stella appears and speaks to her father*)

STELLA: Father, you'll get tired from talking so much. Besides, you are boring these poor people with your memories. Not to mention what it will do to your bronchitis.

SYNESIUS: Let me go on, child. I can tell from their eyes that at least some of them are following closely what I say. (*he resumes his monolog*) One day, the patriarch Theophilus, on a visit to Cyrene, was taken with my oratory skills, and decided to make me Bishop of Pentapolis. I had trouble seeing myself as a robe wearing servant. I reflected for months whether or not to accept. I ended up saying yes,

but I set certain conditions: I would not give up my belief in the preexistence of the human soul and the eternity of the universe. And they should not dare to try to make me believe in that nonsense of the resurrection of the body on Judgment Day. The body is but a robe that we shed when the frayed fabric is no longer enough to entangle the spirit within. (*another fit of coughing*) The Church would have to accept me *as I was* if they wanted me in their ranks. (*Lavinia appears, bringing him his miter, which he puts on his head. both walk, hand in hand, downstage*) And above all, I would never renounce my marriage to Lavinia. Conjugal love in no way diminishes my qualities as a shepherd of souls. Only then did Theophilus baptize me in the cathedral and make me bishop as my wife and Stella looked on proudly.

LAVINIA: It was an unforgettable ceremony. And the great Hypatia sent an inspired letter to Synesius, congratulating him on his courage, our courage, in confronting the prejudice of the emotionally retarded. (*Synesius cough and sits on the edge of a bed, the one that will be his deathbed*) But our enemies plotted so hard against us that I lost two sons when they were still little, and now it is Synesius who dies, day-by-day. My warrior bishop is forty-three, I'm thirty-eight, and I'll be a widow soon. Asthma eats away at his lung and will steal him from me. And my daughter, all that I have left, wants to go away and leave me alone in this sad old house.

STELLA: There you go again mother, with your fretting. It is not as if I were going to Finisterra. Alexandria is not that far.

SYNESIUS: Let the kid go. She's at an age where she should begin tend to her spirit. I die happy knowing she will study at Hypatia's Academy, as I once did.

LAVINIA: But you were a man, you could fend for yourself. She will be a fatherless child in Byzantium's second largest city.

SYNESIUS: Stella will get a letter of recommendation written by my hand. Hypatia will take her in as if she were her own daughter.

LAVINIA: But the trip, my God, the trip! The roads are so dangerous, with thieves lurking at every crossroad. Ever since they split

the empire in two, there is no safety anymore. Barbarians threaten everywhere. (*Synesius coughs again*) It's not enough that I lose a husband to this damned disease. Now I am going to lose my only child. Oh! The ancestral gods I renounced in order to marry you are taking their revenge on me. (*She hides her face as she cries*)

SYNESIUS: Don't be so dramatic, Lavinia, this is not a Greek tragedy staged in Egypt. The barbarians are at Rome's gates, but Constantinople will endure for centuries to come.

STELLA: Oh mother, please don't go on like this, or I'll end up not knowing what to do. I'll travel with a caravan of pilgrims returning from the Holy Land. They'll pass through Alexandria. I'll be safe. (*Synesius lies down, motionless, and Lavinia covers him with a black cloth, mourning in silence. Stella addresses the audience*) But I did not go just then. I waited two more years. My good father died and my mother needed me, and I her. Only now do I know how much I needed her, because she too left me. It is as if my father and brothers had waved to her in her dreams to join them. Lavinia died from food poisoning after eating a mushroom stew. She prepared a different dish for me that day.

LAVINIA: (*she look out at the audience while eating from a clay bowl*) Stella wanted to go to Alexandria to study, but she didn't, because of her mother. She was afraid to leave me with my sorrows. These dried mushrooms I bought from a Phoenician will free her from the burden I've become to her. Besides, ever since Synesius died, I'm no longer alive. I go to him. I am sure he and my boys need me. The bite of an asp killed Cleopatra, but I'm more plebeian. The poison of imported mushrooms is enough for me.

(*Lavinia writhes in agony and succumbs. Stella mutters a prayer beside her in silence. Then she resumes her monolog*)

STELLA: I bade my dead mother a last farewell, and left for Alexandria with a group of merchants. I dressed as a man so as to go unnoticed. When I reached the city, Hypatia was waiting for me in the square. A soldier relative of mine had delivered my letter to her beforehand telling her of my arrival. (*Enter Hypatia*)

Scene 2

HYPATIA: Welcome, dear Stella. I see Synesius' glow in your eyes. He was a great friend whom fate took away too early. Your father was a great soul.

STELLA: I know, and I am proud of that. But it was with you that he learned to think. I hope you will illuminate my path with your teachings too. Nobody knows the Greek masters -- who brought so much glory to philosophy -- like Hypatia.

HYPATIA: Who brought us all so much glory, you're right. But they no longer do. I do not want to mislead you, Stella. Philosophy is now a beautiful woman who everyone thinks they know but who is dead inside. She goes by the same name as always but now she applies plenty of makeup to hide her age. She's but a mummy now. She plays dead so as not to be killed. You came to me to learn the art of invoking the dead. Beware that they do not accuse you of being a witch because of me. We live in a strange time of ignorance and fanaticism. All that remains of Greece now is a vague love of myths, and of Rome the fresh smell of gladiators' blood. Christ announced a different God but soon his heirs marred what he said with ridiculous dogma. You know, Stella, I sometimes think my mission is futile. Few humans can evolve in this dark world.

STELLA: Please don't talk like this. Hypatia is a living star that radiates light on the young. My father died, and then my mother, but I have not lost my love for life. Love of learning is my last refuge. I believe in the future, otherwise I would not have come to you. I've dreamed day and night of the day I'd finally join your school. (*exhilarated*) I'm in Alexandria, with you... It all still seems so unreal.

HYPATIA: Your enthusiasm is contagious. Maybe I exaggerate. As we age we have the illusion the world will die with us. (*she looks up at the sky, ironic*) Look, it's all Saturn's fault. It's path has crossed Mars', which always makes me grouchy. (*Both laugh*) Come on, I'll show you where I live. You will be my guest, the daughter, or sister, I never had.

Scene 3

Demetria, sitting in front of a mirror, putting the finishing touches on her makeup.

DEMETRIA: (*combing her hair*) Orestes, bring me the diadem from the ivory safe! (*Louder*) Orestes, did you hear me? Watch out, I'm an actress – when I scream, I'm capable of shattering glass. (*Enter Orestes awkwardly, crown in hand*)

ORESTES: Where have all of the servants in this palace gone? Why do I have to do the work of the eunuchs and maids! (*hands her the crown*)

DEMETRIA: Thank you my dear, you're a darling, (*she pats his groin*) But there's nothing of the eunuch in you. I sent my maid to buy face powder and the servants are busy with the feast. I need you here next to me. I'm so insecure, Orestes. I don't know how the public will react to my performance.

ORESTES: Come on, Demetria, they'll give you a rousing ovation. You're my wife, after all. The guests at a premiere can't afford to displease the governor, can they?

DEMETRIA: Oh, how nice of you. Any applause will be the result of your power and not my talent. (*Annoyed*) You might as well say what you really think: That I am a failed artist.

ORESTES: If you were a failure I would not have made you my wife. (*caressing her*) After all, it was your art that encouraged me to reopen the city's largest theater, closed for twenty years since Theodosius issued his order. You know very well that today I will face down my enemies, the enemies of your art -- a nasty crowd of religious fanatics who spit on everything that is noble and alive. The Church has become the most dangerous of sects since Cyril was made a bishop. It is Christ's church in name only. They burn pagan altars, desecrate synagogues, cast the vilest slander on anyone who does not submit to their tenets. The reopening of the theater will not just be another mundane act by the governor. I see it as a political gesture of the first order. What has made Alexandria a city like no other is tolerance for

thoughts and beliefs; it is a place where different worlds can come together. Theater will help us relearn what the city has forgotten.

DEMETRIA: What you say might be true. But rather than reassure me, you only make me more nervous. I know so little about politics. The only politics I know is how to play my part well, how to thrill the audience so they can put themselves in the place of the characters, to suffer and laugh with them.

ORESTES: And that's all I ask of you today, dear Demetria. The more sublime your art, the more successful my plans. People sometimes don't know what they most need. There are three drugs in life that we should become addicted to: theater, love and intelligence. That's why I'm addicted to you. (*they embrace*)

DEMETRIA: But that's not what you learned in Hypatia's school. It seems to me to me the only drug Hypatia is addicted to is intelligence. For her, theater is good only insofar as it agrees with her philosophy.

ORESTES: You're being unfair. I learned a lot from Hypatia, and what she most taught me is the importance of thinking for oneself.

DEMETRIA: (*contemptuous*) Think, think, think ... This woman is a brain with ovaries. She's a theorem put forth by her father, the mathematician. Hypatia reminds me of the story of Athena, the goddess without a mother, born fully-formed from her father's skull. For her, the body is only a way station for her spirit.

ORESTES: You never could hide the jealousy you feel for her.

DEMETRIA: You loved her so much, and in a way you can never love me. (*She grabs Orestes possessively*) For me love can only be felt in the flesh. And this woman always confuses me because she professes a pure love, which is reserved only for the angels. If she were ugly or crippled, that would be one thing. But no. Hypatia is gorgeous, and she struts her virginity before to her adoring followers. She is not of this world, Orestes. (*they separate*)

ORESTES: None of us is entirely of this world, Demetria, and she knows this better than anyone. Hypatia is a perpetual outsider. That is why they hate her so.

DEMETRIA: I don't hate her. I'm just annoyed by how she carries herself.

ORESTES: I wasn't referring to you, but the fanatics who slander her. By the way, she greatly admires the theater, even if you don't believe it. I remember the fascination with which she spoke of Sophocles in class. And she made us all laugh when she told us that Plato only wrote dialogues because he was a failed playwright. I bet Hypatia will be there tonight, at your show, sitting unnoticed in a corner seat.

Scene 4

On stage, Hypatia and Stella, who marvels at what she sees. Two students, Nazarius and Kariotis, roam about talking, while another, Ebonius, consults a papyrus.

HYPATIA: This is the famous Academy you've dreamed of for so long. It is named the Museum because it is dedicated to all of the muses.

STELLA: It's breathtaking! Is it connected to the library?

HYPATIA: Yes. We work in what remains of the old library. There we can engage the sages who lived before us in dialog. Even with all of the destruction it has suffered, none other in the world comes close to it. It is a maze I'm sure you'll love to get lost in.

STELLA: I always imagined it to be like Noah's Ark -- A ship that saves us from a flood of ignorance, in a sea of forgetfulness.

HYPATIA: You have a poetic soul. But the ark today is in danger of sinking. If only I could be a Noah and keep all of this alive for centuries to come. But there are petty voices that want to submerge this treasure that belongs to all of us. They constantly threaten to burn it.

Mark my words, I'll die in a fire in this temple, while reading one of Archimedes' scrolls. The mediocre can't tolerate that which isn't. Be careful Stella, always protect yourself against them! The mediocre are dangerous adversaries. (*Nazarius and Kariotis, disciples of Hypatia, approach talking*) Look, here come two of my students. I want to introduce you to Nazarius and Kariotis. (*to them*) Your new classmate, Stella, Synesius' daughter! (*they greet one another with a slight bow*)

NAZARIUS: Welcome to the Academy. Your father is one of the more illustrious names to have passed through these halls.

KARIOTIS: (*slightly disdainful*) Let's hope you can live up to his example.

STELLA: I'll do everything in my power.

KARIOTIS: Did you live in the same city where your father was bishop?

STELLA: Yes, until I chose the road to Alexandria.

KARIOTIS: And you've never been enrolled in school before?

STELLA: No, never. The lyceum in Pentapolis forbids women students. But I didn't miss much. I had private lessons with the best local teacher, my father.

HYPATIA: Kariotis, are you going to tell me the reason for this interrogation! Should I put you in charge of admissions now? Is that it? What kind of a way is this to welcome your new classmate? You'd never guess you were a student here.

KARIOTIS: I'm sorry, professor.

HYPATIA: It's Stella you should apologize to, not me.

STELLA: Never mind. I'm a bishop's daughter. I'm used to rejection.

NAZARIUS: Kariotis meant no harm. He's not a bad fellow, but sometimes he can be a little inappropriate.

HYPATIA: And *you* always defending him. It does him no good at all. Each one of us must face our prejudices. Otherwise we will never acquire true knowledge. (*Ebonius, the Nubian student, approaches*)

EBONIUS: What lesson am I missing here, right in the middle of the courtyard, professor? And in the company of such a beautiful young woman... I hope it is not a fleeting visit or, worse, an optical illusion.

HYPATIA: Ebonius is another classmate of yours, Stella. The Nubian has not taken Plato's lesson to heart. He's too attached to the body's wonders to access the soul's beauty.

EBONIUS: I shall get there yet, professor, but at my own pace. In the Symposium, the philosopher says that access to the spirit's intuition begins with the delights of the body's beauties. I confess I'm still at the beginning stages. But I'm making progress. Besides, if this young lady did not also have a beautiful soul, how could she be here at our Academy?

STELLA: Thanks for the compliment, classmate.

HYPATIA: Kariotis does not seem very convinced.

EBONIUS: (*mocking*) Oh, but Kariotis's standards of beauty are quite different from mine.

KARIOTIS: Good day. I did not come here to argue with freed slaves. Goodbye, professor. (*Exit*)

Scene 5

EBONIUS: I don't know what brought this guy here. He's worse than when he came six months ago. He's a reactionary.

NAZARIUS: You angered him, Ebonius. His loyalties are torn

between our Academy and Cyril's Church, where he is an acolyte.

EBONIUS: Why must you always come to the rescue of your darling? You'll get hurt, mark my words! Kariotis is treacherous. You have no idea the things he says when you're not around. He thinks all Jews should have been expelled from the city long ago.

NAZARIUS: I never heard him say that, even after the attack on the synagogue.

EBONIUS: He's using you.

HYPATIA: It was a mistake for me to have admitted him. I thought his interest in philosophy was genuine and that his presence here could help ease the hostility of the Church against the knowledge taught at the Academy. But I was wrong. And now I try to ignore my worst premonitions.

STELLA: How so, professor? Can you share them with us?

HYPATIA: (*to Nazarius*) I wish I could trust him like you do, Nazarius, but your judgment is clouded. I suspect Kariotis is nothing but a spy working for Cyril, and that my teaching has absolutely no effect on him.

NAZARIUS: I don't want to believe that.

EBONIUS: Who knows the stories Kariotis makes up just to please his boss. Bishop Cyril is as perverse as he is eloquent. (*to Stella*) I know from personal experience, Stella. When I was a child, I was his slave, until Hypatia bought my freedom, that is.

STELLA: It must be terrible being a slave. My father said slavery is a moral leprosy forgotten by philosophers.

HYPATIA: And we will pay dearly for this blindness ... (*fearful*) But please, don't tell anyone about my suspicions. It's enough that we're engaged in this silent war. Especially you, Nazarius, I ask of you that you please keep it a secret.

NAZARIUS: You can count on me, professor.

EBONIUS: Nazarius can't be trusted when he's anywhere near Kariotis. Passions trump reason.

NAZARIUS: You should know. You fall for every Nile beauty who shakes her bracelets near you.

HYPATIA: You two need to reign in your passions if you wish to devote yourselves seriously to philosophy. The mind must learn to control the flesh and prepare for when it no longer inhabits the body. Philosophy teaches us to die, because physical death sets free the immortal light that dwells within us.

STELLA: So says Plato in *Phaedo*.

EBONIUS: But it is no easy task.

HYPATIA: Growth is always painful. What's easy never takes us far. And now I must go. The governor asked me to prepare his horoscope for the coming months. He seems very restless. We're all restless.

NAZARIUS: Are you not going to today's theater reopening?

HYPATIA: You know what I think of the theater. It can be a noble motivating force for the spirit, or it can descend into pure frivolity. I do not know which play Demetria has chosen. But one thing is certain: It's bound to be a big role that will give her plenty of opportunities to shine. (*Laughter*)

EBONIUS: It is called *The Passion of Helen of Tyre*. The author is one Aristeus of Thebes, but it must be a pseudonym. I know who Helen of Troy is, but I confess I've never heard of Helen of Tyre till now.

HYPATIA: (*worried*) It can't be. Orestes gave in to his wife's whims. He has to cancel the show. This play will provoke the fury of the orthodox Christians. Cyril will think Orestes made a conscious

decision to publicly attack his Church.

STELLA: But what's so dangerous about Helen of Tyre?

HYPATIA: There's no time to explain now. I have to run to Orestes' palace. We must avoid another bloodbath in Alexandria.

NAZARIUS: It's not prudent to go alone. Can I go with you?

HYPATIA: If you wish, thank you. And you Ebonius, you can continue to show Stella the back rooms of the Academy.

EBONIUS: (*Smiling complicity at Stella*) Nothing would give me more pleasure, professor. (*Each pair leaves the stage in opposite directions*)

Scene 6

Cyril, a miter on his head, scribbles at a podium. Enter Kariotis.

CYRIL: You're late today, my child. I thought perhaps you'd been converted by that pagan mermaid.

KARIOTIS: You should never doubt my loyalty to you, Cyril. I stayed late at the Academy because Hypatia introduced me to a new student, Bishop Synesius' daughter.

CYRIL: That fornicator bishop begat a daughter who pretends to be as smart as a man. And she left the sinful home of her father to come learn from a heretic woman preacher of the mistakes of the ancients, who never knew the word of Christ. Oh God, give me strength to fight your enemies! (*worried*) You, Almighty, who gave courage to the early Christians who were persecuted and slain in the arenas of Rome, give me a sword with which to crush the wickedness in this world. You wanted the Empire to convert to your faith, and now your Church holds absolute power. Neither Jews nor pagans will thrive in this sinful city. History will remember the righteous hand of Cyril. We must crush the serpent.

KARIOTIS: It won't be as easy as burning the temple of Serapis

and demolishing its stone idols. The Academy is a venerable institution, and Hypatia is an adviser to the governor, who represents imperial power in Alexandria.

CYRIL: The kingdom of God is more powerful, and God is on our side. Today very grave things will happen. Orestes wants to provoke me with the opening of the theater, no doubt incited by Hypatia.

KARIOTIS: What does the theater have to do with our church?

CYRIL: Theatre is not just lewd fun, it is a pagan cult to Dionysus. By putting that whore he took as his wife on stage, Orestes wants to rub his obscene faith in my face. I cannot allow these bacchanalian rites to compete with my Eucharist. Just yesterday I passed by the Museum, and the riffraff were gathering at the door. It was Hypatia, come to speak to the masses. More people came to see her than came to hear me say Mass on Sunday. She must think herself a special envoy from Olympus. Hypocrite! I find it very hard to believe she's a virgin. Unless, of course, she is referring to her astrological sign. She is, after all, so fond of preparing her charts.

KARIOTIS: But Cyril, Hypatia can't be blamed for Orestes' decision. Like all the Platonists she takes a very stern view of the theater.

CYRIL: Don't be naive, dear Kariotis. (*Strokes his hair and caresses his face*) I understand you wish to defend her. After all, you are her student. I understand your hot young blood is not indifferent to this shrew's seductive powers. But learn from me, I have lived more than you. Devious are the ways of guilt. A man can be punished for transgressions he did not commit. What matters is that justice be done. The alliance between Hypatia and Orestes will be the downfall of this ambitious woman.

KARIOTIS: (*defiant, rejecting Cyril's caresses*) And this spirit of revenge of yours, Cyril, is it appropriate to a good Christian? Jesus turned the other cheek. It didn't occur to him to crush others.

CYRIL: I forgive your insolence. My love for you prevents me

from censuring you. It is clear that Christ turned the other cheek and humbled himself so as to bring praise to his ministry. But his destiny was the cross and martyrdom because he was the Son of God. We are just His humble servants. We cannot adopt his conduct in full. The fate of the Church of Christ is not to see itself crucified on Mount Calvary. We must assure that it endures through the centuries, even if for this it is necessary, at times, to forget the example of its founder.

Scene 7

Orestes sits reading a papyrus, the script of the play. Hypatia is visibly anxious. Nazarius is slightly detached, but showing signs of listening to the conversation.

HYPATIA: Orestes, I hope you've reflected on the madness of your order.

ORESTES: What's the matter Hypatia? You seem flushed! You'd think you were being chased by a mob. The show hasn't even begun yet. Demetria is in the dressing room putting on her makeup, and I decided to sit a little while here on stage before the show.

HYPATIA: I was just at your home. They told me you were already at the theater. Orestes, listen! You should not have chosen a play with such a controversial subject. Cyril is looking for any excuse to incite the mobs.

ORESTES: Whatever I do will always be an affront to Cyril. Just reopening the theater is more than enough reason for him to mobilize his gangs. Even if Demetria were to enact the Passion of Christ and play Mary Magdalene, Cyril would object that we were mocking the gospels. To avoid confrontations, I've increased the number of soldiers at the theater.

HYPATIA: But Orestes, was it really necessary to choose the story of Simon The Magician for this premiere? All Gnostics are damned in the eyes of the Church, because they've never bowed to Rome's dogmas. These rebels took it upon themselves to invent a wide variety of myths. And you had to find the most scandalous of all.

Simon The Magician, who claims to be an envoy from Heaven, and discovers the world's soul embodied in a young prostitute from the docks of Tyre. Both will wander through the Roman provinces preaching free love and universal harmony fifteen years after the death of Christ. You can't find a greater blasphemy to enrage Cyril.

ORESTES: You needn't recite the plot. After all, it was you who told me the story in class one day. I only decided to make it into a play.

HYPATIA: Ah! So it's you who hides behind the name of Aristeus of Thebes, who no one has ever heard of before.

ORESTES: (*proud*) A governor is entitled to write plays, even more so if he is married to a talented actress. (*changing the subject*) Did you bring the horoscope I asked you for? I want to consult it before I enact my new policies.

HYPATIA: Astrology is not the answer to everything, Orestes. I had so much on my mind that I forgot to bring it. But if you are so anxious to see it, I can have it brought. (*loudly*) Nazarius!

NAZARIUS: (*he is close by*) Yes, professor.

HYPATIA: Do me a favor. In rushing to come here, I left the governor's horoscope in my office. Can you bring it to us before the curtain goes up?

NAZARIUS: Of course, teacher. (*exit*)

ORESTES: To have a disciple like him must be of great comfort to the soul. I miss the time when I was one of them.

HYPATIA: (*neither of them notice Demetria, who listens from the wings*) Orestes, you have always listened to my advice. I ask that you cancel this performance. Put aside your pride at having written this play. Convince Demetria to cancel. Explain to her the risks we all run. Cyril's Church is the official religion of the Empire. We, the pagans, as they call us, are a minority and we're fast losing influence. The Empress in Constantinople is an obsessive churchgoer who spends her days in

confession. Your job is not safe, friend. One night on stage can cost you your career. Go tell Demetria to take her makeup off, before she cries tears of disappointment. Better she cry now than all of us later. (*Demetria makes her presence known and approaches*)

DEMETRIA: (*wounded*) The Great Hypatia is jealous! I am getting ready to bring my character to life, and meanwhile madam professor here is on stage plotting with my husband. Philosophers have always been jealous of actors. You want to rob me of my moment of glory but I am the actress here, not you. There are so many pulpits where you can shine as an orator, why the hell must you deny me mine? It's clear you have no clue what the theater is. You may be very versed in Plotinus' ideas and Ptolemy's constellations, but you know nothing of the theater. You arrive here, and with a snap of the finger you want to cancel the show. Hypatia gives orders and we all follow. But I won't cry alone. There is a huge team that works night and day to make an opening night a success. Theatre is a collective effort, it is not like you writing your books home in solitude. This stage that you see here, these musicians who've rehearsed for hours on end, my actor friends who've come all the way from Rome. How will I look when I tell them there is no play? *Why?* Because Dr. Hypatia, Alexandria's second lighthouse, has given us the red light!

ORESTES: Calm down, Demetria. I understand you are upset, but Hypatia is here to help.

DEMETRIA: (*sarcastic*) Very well, Orestes, after all it is your play. Let's shut it down at the request of the censor. But we mustn't rip-off the public. So, I propose a little skit that we can rehearse now because it's almost time to open the doors. You might be familiar with the story. It is a star-crossed love story, but it has nothing to do with religion. Feel free to chime in if I get anything wrong. (*professorial, to the audience*) Ten years ago, governor Orestes governed absolutely nothing; he was a mere student at the Academy, yearning for wisdom. Or better said, he yearned more for his teacher than the subject at hand. (*Hypatia moves to leave*)

HYPATIA: (*speaks to Orestes*) I refuse to be debased by your wife.

DEMETRIA: (*gesturing firmly for her to sit*) Please, I want you to stay. If you are a she-man as they say around town, then you'd have the guts to sit through scenes from your life. Have you forgotten the proverb by Palladas the Grammarian, who heaped so much praise on you? "A stage this life and a comedy, let grave things be, learn how to dance or live in misery." (*Hypatia listens, uncomfortably. Demetria resumes her skit. Hypatia gets up to leave but she continues to observe from a distance*)

The young Orestes is madly in love with his teacher. Pretty teachers always have this effect upon their students. Youth are easily distracted by the ardor of nature and forget to nurture their spirit. But Hypatia is an iron virgin, and she intends to give her pupil a lesson. One day, after class, he works up the courage to declare his love for her.

ORESTES: Demetria, stop with this silliness now!

DEMETRIA: I can't, I'm rehearsing today's skit. Moving right along then ... Our Orestes opens his heart to his teacher, but he has no clue the answer she has in store for him in her panties. With one fell swoop, the great Hypatia puts her hand on her crotch (*Demetria accompanies her words by removing from her undergarments a cloth, red with blood.*) And she takes out a rag soaked with menstrual blood. Oh, what a disgusting sight! You see, female philosophers also have periods, just like all women do. It is then that Hypatia teaches him the lesson, shoving the filthy rag under his nose (*Demetria displays the towel to Orestes, who turns his face, embarrassed*): 'Look closely at this cloth, boy! This is what you love in me. It's not a pretty sight!' ... 'These were her words. The young Orestes ran away, mortified. The terrible shock could have left him impotent till his dying days. It's no wonder. Put yourselves in his place. He'd worked up the courage to declare his love for this wise woman and, just like that, she dangles before his nostrils the red proof of her childbearing years. And with so many days in the month, the poor boy had to open up to her just when she was at her bloodiest, as I am today. He mustn't have any luck at all.

ORESTES: Stop, Demetria! Haven't you had enough?

DEMETRIA: I'm almost finished. I just need to give the moral of the story, which is the best part. (*professorial*) Orestes abandoned this

love for her as hopeless and ever since he's devoted himself passionately to his studies and to politics. But Hypatia's act, as cruel as it might have seemed, was not without rhyme or reason. No. She wanted to show Orestes that he loved in her the *lowest parts* of the human condition. To climb the ladder of knowledge it was necessary that he douse his sexual feelings and ignite the passions of the spirit. All philosophers have their allegories. Plato chose the cave. Hypatia preferred sanitary napkins. Who am I to criticize? ... (*Orestes claps slowly, ironically*)

ORESTES: Bravo, dear. You always were a genius at improvisation. Is this then what you propose we put up instead of my play?

DEMETRIA: That's right. Does it please you? At least no one can say it's not historically accurate.

HYPATIA. (*approaching again*). You opened a wound in our friendship that will never be healed. You have no right to make a mockery of me and my most sacred beliefs.

DEMETRIA: Now you know how I felt when I saw you conspiring against a play I've been preparing for months. You also have no right to deprive me of what is most sacred to me: My art, my theater... Now we're even, Hypatia.

HYPATIA: I've failed in my mission. Don't expect me to stay and watch the story of Helen and Simon Magus. I just hope that what I fear doesn't come to pass. Goodbye and Heaven help us. (*more to herself than to them*) I am going to look for Nazarius. I'm surprised he's taken this long. He could have gone and come back by now.

Scene 8

At a reflecting pool, Nazarius crosses path with Kariotis.

KARIOTIS: (*he grabs Nazarius and strokes his torso*) Why the hurry, Nazarius? You go out on the town and don't even invite me?

NAZARIUS: If I had, you know I would, Kariotis. You know I've had my eyes on you. But let go of me. I'm late. I have to deliver this to Hypatia.

KARIOTIS: What piece of paper is this that's more important than me?

NAZARIUS: I can't show you, it's a letter to Orestes.

KARIOTIS: You've been promoted to governor's messenger boy. What a big man! *(he grabs his arm and twists it to force him to drop the letter)* But first you'll give me this letter, little Nazarius. You see, I've been appointed mail inspector. Homeland security, you understand.

NAZARIUS: Let go of me Kariotis, you're hurting me. You're going to break my arm. *(the pain forces him to drop the letter)*. You barbarian!

KARIOTIS: And that's why you like me. Barbarians are hot.

NAZARIUS: That's a confidential document. Don't even think of opening it!

KARIOTIS: *(he removes the seal and opens it.)* No thinking involved, really. There, it's open. Well, well, another of Hypatia's horoscopes for His Honor the governor.

NAZARIUS: *(nervously)* What now?

KARIOTIS: Nothing. Just stay there quietly and don't do anything foolish. *(reading)* Our dear Orestes has many adverse alignments of stars on the horizon. The heavens are not on his side. Look what a shame. Precisely today when his wife is getting ready to go out on stage in her birthday suit.

NAZARIUS: Why are you so stupid, Kariotis? Hasn't the Academy taught you anything?

KARIOTIS: But I'm serious. Isn't acting Demetria's gift to the

world. At least that's what those who saw her on stage before she married Orestes say. It's a pity the play she chose, though. Bishop Cyril is not in the least happy.

NAZARIUS: That play will never be performed.

KARIOTIS: How can you say such a thing?

NAZARIUS: Hypatia advised Orestes to give up his plan, so as not to provoke Cyril.

KARIOTIS: Hypatia, defender of Cyril! You expect me to believe that? (*grabs him and plays with his hair*) You spend too many hours thinking in that damn library and it's not good for your pretty little head. (*he kisses him*) Why don't you think of me instead? It's much healthier than reading scrolls and chanting the Torah.

NAZARIUS: I'm going to tell you something, but you must promise absolute secrecy.

KARIOTIS: Of course. Have you been playing spy?

NAZARIUS: I overheard Hypatia's conversation with the governor. *The Passion of Helen of Tyre* was written by Orestes. Hypatia didn't even know. He learned of the story of Simon Magus when he was her student ten years ago. (*Cyril appears suddenly, as if emerging from the shadows*)

Scene 9

CYRIL: What an interesting story your friend has to tell! (*Kariotis and Nazarius abruptly separate, the astrological chart falls from Kariotis's hand into the reflecting pool. Cyril speaks to Kariotis*) I took the liberty of following you, Kariotis. In the heat of sin, many secrets are revealed. But now the time for penance has come. (*six sinister hooded figures appear; monastic costume, faces hidden by hoods and masks*)

KARIOTIS: (*terrified*) What do you want of me, Cyril? I seduced

the Jew to get information about Hypatia. I work for you and our Church.

CYRIL: I know, you have nothing to fear, you've passed the test.

NAZARIUS: *(to Kariotis)* Disgusting traitor! *(he retreats and attempts to escape)*

CYRIL: Grab the lamb, Kariotis! *(Kariotis obeys and grabs Nazarius by the wrists)* And now our boy will tell us loudly and clearly: Who is the moral author of the piece that we must censor today? We must know the name to make an example of the heretic. We must cleanse Alexandria of this pagan plague that has descended upon us. Who is it, boy?

NAZARIUS: It's the governor.

CYRIL: No. I said the *moral* author. It is a female *moral author*, is it not? These brothers need to hear her name, so they can fulfill their mission.

NAZARIUS: No slander will come out of my mouth.

CYRIL: Refresh his memory, Kariotis!

KARIOTIS: *(nervous)* I don't want to hurt him!

CYRIL: So you prefer to suffer the punishment we reserve for sodomites?

KARIOTIS: No, never!

CYRIL: We're waiting.

KARIOTIS: Speak, Nazarius! Who taught Orestes the plot of this play? *(Kariotis plunges Nazarius's head into the reflecting pool)* Just the name! *(he repeats this several times, each time leaving Nazarius's head underwater longer. Kariotis becomes alarmed with his silence)* Say her name, you Jew shit! I

don't want to have to kill you!

CYRIL: If you tell us the name I'll absolve you of your sins, which are many and serious. You should consider this torture as a baptism of sorts. We do not want you to die, my son. You're still young and can redeem yourself. Your faith is the sister of ours. You merely need to say the name of the guilty party!

NAZARIUS: *(faintly, after Kariotis has pulled his head out of the water)*
Hypatia.

CYRIL: Louder, son! Two of our brothers are a bit deaf.

NAZARIUS: *(slightly louder)* Hypatia.

CYRIL: Everyone heard what this friend said. Our suspicions have been confirmed. Let us go to the theater. The show should be starting. *(Exit all, except Nazarius, who is left sobbing by the pool, and Kariotis. The two lock eyes one last time, then Kariotis exits. Enter Stella and Ebonius, looking for Nazarius.)*

Scene 10

STELLA: What happened to you Nazarius, were you robbed?

EBONIUS: And why are you crying? Who did this to you?

NAZARIUS: I'm crying because I'm a coward. I'm no better than a worm. I want to die, Ebonius, to die. You were right. Kariotis is a new Judas.

EBONIUS: I imagined he was behind this.

STELLA: Hypatia was worried about you when she couldn't find you. She seems to be able to guess the future.

NAZARIUS: They want to kill Hypatia. We must stop them!

EBONIUS: Are you delirious? Who does?

NAZARIUS: Cyril's men.

Scene 11

Oriental music. The stage is lit with torches. Enter Demetria as Helen of Tyre, a concubine, doing a dance of veils. Sitting in the lotus position, is the actor who plays Simon Magus, dressed in desert garb. The dialog begins when the music ends. Hooded men stand in the audience.

HELEN OF TYRE: I danced just like you asked me to.

SIMON MAGUS: Thank you, Helen. You dance to the rhythm of the planets. You're the woman I've been looking for in all of the ports of Africa and the Bosphorus.

HELEN: But you don't even know me. How could you be looking for me?

SIMON: Because we've met in previous lives. In your eyes I see the reflection of faces I've loved for many centuries, from the beginning of time.

HELEN: I really believe that. Often I dreamed a prophet who can fly comes searching for me and whisks me off to see the world, as if I were his guiding star. My roommate laughs at me. She says we all dream of a magic man who will save us, but as soon as he'd arrives we'd just betray him with our next customer. But we're very different. She forgets her dreams. But how did you know you'd find me in a brothel on the pier?

SIMON: Because I searched everywhere else. Was not Christ born in a lowly stable? When I saw you in this brothel I realized you didn't belong here. Your calling is higher than satisfying the lowly fantasies of the flesh. Helen, I am the magician of your dreams, capable of doing wonders. Of soaring through the air and landing as softly as a dove. Of ordering rocks to spout fresh water like a spring. Of talking with wild beasts and taming them with lullabies. Of reciting a poem and inspiring people to awaken their inner God. So call me Simon Magus. We go through life asleep. If you come with me, we can

awaken anyone who will listen to us, in the villages, the towns and in the countryside.

HELEN: But I'm a sinner. What I can give you that the others can't?

SIMON: Listen, Helen, you are the soul of the world. You don't know yourself, but you have the power to inspire . You will be the female pope of my religion. I am the spirit of the world that seeks to shine, but alone I grow sad and my flame dies. That is why I need you, and you me. The two of us together, we are as strong as gods. Love can make us invincible.

HELEN: (*laughing in ironic amazement*) The soul of the world is a whore, and the spirit of the world a magician! I've never met anyone as crazy as you! But if it's the law of love that you will preach to the world... (*Simon signals 'yes' with a nod*) Then I'll be your wife and travel through the remotest roads of the earth with you. The soul and the spirit embrace each other in our bodies. Never before has this bed dreamed of a nuptial as sacred as this. (*they relish an amorous embrace. The hooded men burst through the audience, amid screams of protest and whistling*)

HOODED 1: Put a stop to this filth!

HOODED 2: They're making fun of our Messiah! They'll burn in the hell!

HOODED 3: This is an outrage! It seems like a gospel of Mary Magdalene.

HOODED 1: I bet a pagan witch wrote this trash. (*Orestes interrupts the play. he walks to the middle of the stage and tries to calm things down*)

ORESTES: Silence, gentlemen. We're in a theater. No one here is trying to offend anyone's beliefs. The actors are merely playing parts. Use common sense and appreciate that this is the language of art we're hearing.

HOODED 2: Death to all pagans! *(we hear insults followed by a projectile thrown by one of the hooded ones, which strikes Orestes in the head, causing him to fall. Demetria rushes anxiously to her husband. The hooded men run across the stage and grab torches)*

DEMETRIA: *(to the audience)* Guards, arrest the criminal! *(Orestes lifts his bloodied head and orders the arrest of the rioters. Two extras, in costume, immobilize Hooded man #2 and carry him off stage)*

ORESTES: Whip that one who assaulted me until he spits out the names of all those responsible for this terrorist act!

Scene 12

Stella and Hypatia descend from a chariot. Two steps suggest the entrance to Hypatia's house.

HYPATIA: The show should just about be over now. I have the most awful premonitions.

STELLA: How do you think it went? Ebonius assured me he'd let us know if there were cause for alarm.

HYPATIA: I feel badly you didn't go with him because of me. Not that I like to stoke the fire of Eros among my students, but maybe you should have gone. But you only just arrived. Visit it when you can, it's the best theater in the city.

STELLA: We'll leave it for another day. After discovering poor Nazarius in that state, I have no desire to attend a theater premiere. Shall we go inside, professor?

HYPATIA: *(Looking up at the sky)* Let's stay out here a little longer. It's a warm March night, I know you must be tired from your trip ... But I feel goose-bumps all over, as if invisible beings wanted to communicate with me and I cannot decipher their language. How sad, Stella, to be deaf to the greater mysteries of the universe. *(like someone trying to hear something inaudible)*

STELLA: How strange that precisely you should say this, teacher. You who have deciphered like no one else the mysteries of philosophy and mathematics, astronomy and music! *(to the audience as if speaking to imaginary listeners)* Hypatia knows the secrets of Eleusis, so I am not amazed that she hears the voice of spirits. *(Turns to her)* Tell me which of them dictated this tune to you: *(hums)* *In picking daffodils, mother, I lost my way...*

HYPATIA: How do you know this song? I was your age when I wrote it.

STELLA: My father learned it from you. He taught it to my mother, and she would sing me to sleep with it on moonlit nights. I've memorized the lyrics.

HYPATIA: I'd like to hear it in your voice. I'll get the flute. Maybe this is what the muses want of me. *(serious)* A farewell song.

STELLA: Why farewell? I just arrived today.

HYPATIA: *(cutting short the conversation)* Farewell, I say, before we go to bed. *(gets up to get the flute)* I forgot the flute on the bench in the garden. It could have been stolen.

STELLA: I used to hum this song to my mother. I feel her next to me every time I sing it. It's as if I were the kidnapped Persephone calling to her mother from the land of the dead.

(Hypatia sits on the step and begins playing the flute, both sing in duet)

STELLA:
In picking, mum, the daffodils,
I fell below.
Down here, mum, in these darker hills,
I miss you so,
The Lord of Death was my abductor,
His pomegranates, a raven's offer
Now I became to love this endless night
My heart is stuck on to him with no fight

HYPATIA:

You've asked that life should give another choice
And life in me won't live apart from you
The desert land is crying in my voice
For I no longer know how grain grow through

STELLA:

In picking, mum, the daffodils
I soon forgot
Within the night of life that thrills
I died a lot
I'm sacred by his love for me
I slept but now my eyes can see
Mother, I'm longing for your brilliant light
My love for death is such a painful plight

HYPATIA:

Behold, in Spring you'll join your hands with me
And leave your husband waiting there alone
The soul of all the world, daughter, you'll be
Beyond life and death you'll find your new home

STELLA: (*After finishing the song, alarmed*) Look. Here comes a throng of people. It looks like a mob. What are they doing on the streets at this hour?

HYPATIA: Listen Stella. If anything should happen to me, you can live in my house. I have no children. I only met you today, but it's as if we've always been friends. Being Synesius' daughter, it's as if you were my daughter too. I've put this in writing, so you'll have everything you need. Continue studying at the Academy if they don't close it. Anyway, whatever happens, never give up. The path of the spirit is long and bitter. But sweet and eternal will be the fruits you reap. And remember, I'll be watching you from the beyond.

STELLA: (*anxious*) So then what Nazarius says is true? These people intend to kill you?

HYPATIA: Yes, Stella! And I prefer a cup of hemlock to this

pack of beasts who make their way here. (*Looking at the sky*) My soul is now like Persephone who asks her mother, Demeter, to take her quickly from this hell.

STELLA: (*throws herself into the arms of Hypatia*) How horrible, Hypatia! To kill you who are the brightest object in the desert. My fate is to lose those I most love. First my father, then my brothers, then my mother, and now my teacher.

HYPATIA: Bear your burden with courage, sweet girl. The conflicts of the gods causes panic in mortals. I choose as my epitaph the question that Palladas, a friend who went before me, posed (*recites an epigram of Paladas of Alexandria*) :

«Could it be we are really dead
and only seem to be alive,
Us Greeks, who've fallen from grace,
and imagined life to be a dream,
Or are we alive and was it life that died instead?»

Scene 13

Hooded men walk to the front, some carrying torches. Kariotis is among them.

HOODED 1: It is very dark here. I can't tell who the witch is.

KARIOTIS: I'll find Hypatia for you. (*he walks towards the two*) Good night, professor (*he kisses her on the cheek*) Giving after-hour music lessons, are you?

HYPATIA: Aren't you ashamed of yourself? To come with a silver tongue after all of the evil you've done to Nazarius and all of us?

KARIOTIS: Evil never comes in ones, teacher. And there's nothing I can do about that.

HOODED 1: (*screaming*) Let's get her, brothers! The pagan snake will no longer plague Alexandria. (*two hooded men grab her arms violently*)

HOODED 2: *(he grabs Stella's arm)* And her student? Should we take her with us and give her one last lesson?

KARIOTIS: Let go of her. She just arrived today. They barely know each other. *(The hooded man obeys Kariotis. The enraged mob grabs Hypatia and lead her off stage. Stella is left alone with Kariotis)*

Scene 14

STELLA: *(tries to go after the mob, but Kariotis prevents her, blocking her way)* These monsters will kill her. Someone has to do something. Call the authorities ... I can't believe you, a disciple of hers, delivered her into the hands of these assassins.

KARIOTIS: I saved your life. Don't go looking for reasons to put yourself in danger again. Nobody can stop the fury of the mob. Hypatia to them is a pagan devil who must be slaughtered. They'll tear her clothes off and parade her around the square. But they won't be satisfied until they've scraped her flesh off with oyster shells and burned what's left of her on Mount Cinaron.

STELLA: So that's how they'll kill her... and you describe it like a cruel butcher. I wanted to come to Alexandria so badly but not to come face to face with sheer evil. I don't know why you spared my life. Never expect any gratitude from me! *(Kariotis begins to speak but Stella covers her ears with her hands)* Please don't defile her anymore with your words! Go to them. You are of their ilk. You and I have nothing in common except the fact that we are both standing on this same ground on this cursed night. *(Kariotis exits. Stella runs, confused, into the audience and there crosses paths with Cyril, disguised as an old beggar)*

Scene 15

CYRIL: Where are you off to, my child? Shouldn't you be in the safety of your home? *(Stella cannot keep from crying)* Don't cry for your teacher. I was hiding in the bushes. I saw the sad fate that befell her.

STELLA: We need to get help. They'll kill her!

CYRIL: Oh, my child, her heart has already stopped beating. There were so many of them and their anger was so great.

STELLA: Why such hatred? Hypatia is harmless. She's dedicated her life to science and teaching.

CYRIL: And what good did so much knowledge and science do her? She suffered a fate more shameful than that of adulterers and sorcerers. And she was betrayed by one of her own students. Do not take her to be a role model, my child. She practiced the sin of idolatry. It was the will of God that joined these humble people in this act of popular justice. These people of faith have no idea what is taught at the Academy or what books lay in its shelves. They lead simple lives of hard work far removed from the ambition of the wise, whose studies never profited them. Hypatia for them is a heretic, a sinner not worthy of forgiveness, one who rejected our church's flock. It was her pride that provoked their wrath. Everything is all right, my child. God knows what he does. The good Christian does not need the magic of the stars, or philosophies that cast doubt on everything. And so what if this woman born of the wrong sex dies? And so what if the shelves of all of the libraries burn? All we need is the word of Our Lord in the Bible, a book worth more than all of the others books put together.

STELLA: What kind of beggar are you? Under the guise of poverty, lies a vile apostle of ignorance. Your God cannot be the father of Christ. A God of love and compassion does not incite his children to murder.

CYRIL: *(taunting)* You naughty girl, you've seen through my disguise! I thought my beggar's costume would let me mix with the masses. You see, I know a thing or two about theater. I am Bishop Cyril, patriarch of this city. My uncle Theophilus made your daddy bishop. It was a pleasure to meet you. Stop by the cathedral someday and open your heart to the true path! *(Exit Cyril. Stella is petrified; she opens her mouth as if to respond, but holds back)*

Scene 16

Orestes, with his head bandaged, and Demetria anxiously awaiting the arrival of Pulcheria, the empress-regent. In the background, an imperial chair.

DEMETRIA: Will she never get here? She called us urgently and then she's not here to welcome us.

ORESTES: Pulcheria is engaged in a war of nerves. It's her show of authority. She just wants me to feel the full brunt of her power.

DEMETRIA: A very tenuous power. Pulcheria is empress only as long as her brother's voice doesn't change. As soon as her kid brother has hair on his chest she'll go back to the nunnery once and for all.

ORESTES: Maybe not. They say little Theodosius is as weak as his father. Even when he reaches manhood, his sister will continue to direct the destinies of Byzantium. (*challenging Demetria*) Women like to control men's shadows, and men for their part don't even realize they are being manipulated. Grown men never stop sucking on the nipple of women who are but stand-ins for their mothers.

DEMETRIA: The reverse is even truer. Men feel they must always control women.

ORESTES: You're so stubborn! You are so theatrical. Hypatia would still be alive if you'd only followed her advice, and I would have been spared the embarrassment of being assaulted by a bunch of fanatics. Alexandria will slip between my fingers, you'll see. Pulcheria was only waiting for an excuse. And your spectacle yesterday gave her the excuse she was waiting for.

DEMETRIA: My spectacle, not, *ours*! Don't forget: The play was yours. And if what you say is true, if she gives you your walking papers, so what? A city that spits at the theater and incites the murder of noble spirits does not deserve your energy. If you persist, you'll end up like Hypatia, with your bones roasted in the public square.

ORESTES: You're right, Demetria. After all this, I just feel like going as far away as possible with you.

DEMETRIA: You see, and then you say I order you about, Orestes. I only read what's in your soul.

Scene 17

Enter Pulcheria, in imperial garb, dressed as a widow.

PULCHERIA: You were forced to wait a little because the morning novena was ending. I called you for two reasons. I'll start with the least important one. *(to Demetria)*. Demetria knows I despise her predilection for the stage. I am a Christian and the theater was born with the false gods of Greece. It is a vice that must be excised from our customs. I was very displeased to learn she proceeded with that immoral show; it is unbecoming of a governor's wife ...

DEMETRIA: *(forcefully)* ... It barely started and right away that riffraff invaded the stage!

PULCHERIA: Do not interrupt me! It's a good thing they did. *(does the sign of the cross)* God asserts His will in this world through the poor of spirit.

DEMETRIA: Does Your Excellency then prohibit me from exercising my profession?

PULCHERIA: You won't need to, as you'll see... I now come to the second reason I've called you. Orestes, your conduct was irresponsible. You gave in to the vanity of this woman who pranced half-naked on the biggest stage in town. This then led you to arrest a good Christian, and to whip him to death in a dungeon.

ORESTES: But Oh great Pulcheria! This man struck me on the head and belonged to a sect of dangerous troublemakers. The same ones that took the life of the great Hypatia.

PULCHERIA: *(bored)* We're not talking about her case but yours,

Orestes. You lost whatever authority you had over the people of Alexandria. I am obliged to remove you from office. But in honor of your past good service, I intend to transfer you to the island of Cyprus to administer our copper holdings there.

ORESTES: (*bitter*) So then I'll be a foreman on a forgotten island. Well, my empress. I willingly accept your generosity. Perhaps actors, like Demetria, are treated better there. But I have one last request.

PULCHERIA: Go on!

ORESTES: I pray you do not permit this monstrous crime, which has forever tarnished the history of our city, go unpunished. What did Hypatia do to deserve the dreadful way in which she died?

PULCHERIA: I feel no sympathy for the pagan, but that does not prevent me from pitying her in this time of mourning. So, I sought the advice of a trusted advisor to guide my decision. He suggested we forget the blood spilled, and that we avoid the senseless spilling of even more blood. This woman was a lost soul. For sure God will lead her, in death, to the true light. Let not vengeance eat away at our hearts.

ORESTES: I ask for justice not revenge!

PULCHERIA: The greatest justice is that bestowed by God.

DEMETRIA: (*sarcastic*) I'd be curious, Your Excellency, to meet such a wise advisor.

PULCHERIA: (*Enter Cyril, with seraphic smile*) Here he is! You can kiss his hand and obtain his blessing before sailing for Cyprus. (*Cyril extends his hand*)

ORESTES: (*Sarcastic humility*) Oh no, my empress! We've been fighting the fire at the library. Our lips are chapped from the heat and smoke. They could taint the holy hands of Bishop Cyril.

Scene 18

Stella and Ebonius stand by a closed door. Behind the door is a fire, indicated by flashing lights and smoke.

STELLA: Nazarius, open the door! We know you're in there.

EBONIUS: Are you crazy? Open the door! Do you want to burn to death?

STELLA: He doesn't answer. Did he lose consciousness?

EBONIUS: *(pushes at the door without success)* This nut locked himself inside. *(finally succeeds in forcing the door open)*

STELLA: I can't see anything in the smoke! *(finding him)* Look, there he is on the ground!

EBONIUS: I'll get him.

STELLA: Be careful, Ebonius, the ceiling is about to fall. *(Ebonius disappears into the room while Stella stays behind and watches him. Ebonius then exits carrying the unconscious Nazarius. He lays him on the ground and both try to revive him. Stella wets his lips with a flask. Nazarius comes to)*

EBONIUS: Let's get out of here. This floor is about to give. *(They carry him downstage)*

NAZARIUS: *(very shaken)* Why did you wake me? I wanted to die in the company of my books.

EBONIUS: The third attack on the library this year. But this is the most serious of all.

STELLA: It's hard to believe anyone could do this. Libraries are forests of knowledge, but when we burn them they don't grow back.

EBONIUS: *(to Nazarius)* Why do you want to die? Don't you think there's been enough death already? Hypatia was not enough, now

they want to kill the dead masters who live only in books. We can't let them win. We won't let this Academy close while we're still alive, and as long as there is a single manuscript left, we'll fight to keep it open.

NAZARIUS: These barbarians threw torches into the reading rooms.

STELLA: I came just in time to watch places I only dreamed of burn. Alexandria, I arrived too late.

NAZARIUS: And I've betrayed Hypatia. I don't deserve your friendship. I should have been left inside, black and charred .

EBONIUS: Oh! Then at least we'd have one more black student, though I rather like being the only one.

STELLA: Listen, Nazarius! You said what you did under torture. They were set on killing Hypatia no matter what. They went through that with you just to scare us all.

EBONIUS: It's urgent we save her work. They've burned the general reading section. But everything Hypatia has left us is still safe in her office.

NAZARIUS: (*With renewed spirit*) Thanks for giving me strength, friends. I feel like the phoenix rising from the ashes. Do you know what I'm going to do? Put out this fire so that it does not spread to the rest of the museum.

EBONIUS: You do well! We'll join you after we make sure her writings are safe.

(*Stella and Ebonius exit and run into Kariotis carrying scrolls in a wheelbarrow. Stella and Ebonius surround him.*)

Scene 19

STELLA: What are you doing here?

EBONIUS: Where do you think you're taking this?

KARIOTIS: To its final resting place: the bonfire.

STELLA: How could you ever have been Hypatia's student?

KARIOTIS: These writings are the enemies of my faith.

EBONIUS: You're not going to kill her a second time. These works are all we have left of her for future generations.

KARIOTIS: Her legacy will be her violent death. People love a bloody crime.

STELLA: Every one in your sect is jealous of Hypatia, even in her death. Your beloved Cyril couldn't stand the fact that she would get bigger turnouts at the forum than he would at his sermons from the pulpit. And you're that murderer's lackey who invokes God's name every chance you get.

KARIOTIS: Bitch! You just arrived yesterday and you've already cast your lot with this slave.

STELLA: You're the slave, the slave of the devil you're possessed by.

KARIOTIS: (*obscene gestures*) You're possessed, bitch, by your black lover for whose flesh you pine.

EBONIUS: Don't insult Stella in front of me (*Ebonius throws him to the ground and they fight. At one point, Kariotis pulls out a short dagger and takes Stella hostage, placing the blade on her neck*)

KARIOTIS (*to Ebonius*) If you touch those scrolls, she is a dead woman. (*Two hooded men appear and take the cart with the scrolls off stage. Kariotis releases Stella*)

Scene 20

Synesius, facing the audience, a living ghost.

SYNESIUS: (*looking at Stella, who is behind him, perfectly still*) No, daughter, I have not come to get you. The time has not yet come for you to travel to this side. But my grief is great. The Alexandria you found has little to do with the city I loved so much. I, the dead Synesius of Cyrene, am here to tell you that the enemies of Hypatia got what they wanted. Only two or three of her books are now known, because all the rest were lost in the flames. Even more appalling is the glory that's been bestowed on Cyril, who everyone knows was the brains behind the crime. But that did nothing to tarnish his image. The old fox was born the same year I was and lived until the ripe old age of seventy-four ... Eventually, they canonized him. That's right! They made him a saint. Saint Cyril of Alexandria, celebrated by Catholics on February 9 and by the Orthodox on June 9. And in 1882, Pope Leo XIII proclaimed him a doctor of the Church. I am a theater ghost but I am not a liar. Consult an encyclopedia if you don't believe me. Goodbye my friends. And listen to some advice from a bald man who is long dead, who was made bishop, but who never remained silent in the face of lies: Never pray to Saint Cyril! (*he laughs and exits*)

Scene 21

All of the actors are on stage collecting the papers strewn about. They take turns reciting the poem, whose title is read aloud by the actress who played Stella: Hypatia's Last Lesson – a poem in seven stanzas. The reading is shared by the entire cast in a sort of staged reading. Hypatia's monologs should be read by the same actress who played her.

LUCINDA: I wrote a poem before writing this script -- another fictitious version of her last day. At the time I still knew very little about Hypatia, and I still know so little. And we have so little left of hers to know her by. We must, by necessity, invent her truth.

A storm was rising in your soul
Like the cloud of dark dust brewing in the distance
The hot desert wind blew in your direction

And though it knew not the intricacies of geometry
it soon invaded the portal to your Academy
Always fearless, you rushed to get a closer look
at Zeus' wrath. You called out to your disciples
And though your mind was more akin to Plato's
You gave your final lesson in the style of Aristotle
peripatetic as you wandered through windswept cloisters
"It is the lot of humans not to know what fate awaits them!"
You might have said looking at the attentive and grateful face of a
student

Who reminded you of Synesius
Like a Cassandra oblivious of her sudden auguries

Your lesson barely finished, a messenger approached
With news to break your heart:
Your father lay fallen on the stairs
Of the library where he'd labored
He cried for his daughter the philosopher,
In delirious and babbling theorems,
Your father wished to see you before giving up the
ghost,
Restless horses awaited at the doors of your temple of knowledge
with a chariot to take you to him
You did not think twice. You ran outside in distress
To give a hand of wisdom to your dying father
But it was a trap they'd set
to get you into their monstrous clutches
It was not your father's life that was at risk
But yours Hypatia

The angry mob attacked your chariot
like dreadful living puppets
And dragged you out into the night
They set your frightened horses free
And tied you to a loosened wheel

They brought sacks filled with stones
and oyster shells with which
to pelt you. And they called themselves, imagine,

disciples of Christ.

The demented mob snarled words they were taught to say
and showered you with those deadly objects
They called you pagan witch and
worshiper of Hermes, a false God.
They said you invoked the souls of the dead
Greek masters when you taught
That your classes were dens of debauchery

that you swung naked like a concubine
in the puerile arms of your students
that you preached our souls live many lives
and that you'd lived many as a man

That you were a disciple of vicious Sapho
and that you must be a hermaphrodite
because no woman could ever be so wise

That you mocked the angry God of Moses
and claimed he was a boogeyman to scare small children
Suddenly, you heard no more, your face an open wound
a female Christ without her crown of thorns

Before unconsciousness set in and wiped your senses blank
You still had time to wonder:

Why must I give up my body
with so much suffering and humiliation?
Is fortune so flighty in her ways
that my death need be so weighty?

No, Plato you were wrong!
If you had experienced yourself an agony as deep as this,
you would come to know that evil is not
merely the absence of good

Evil is its own being,
it has a face, empty and dark,
Evil exists, possesses an archetype,
Evil was written into the blueprint of Creation,
vomited by the minor god who created this universe
evil, evil...

They continued to kill you even in death
possessed by obscure demons
they tore to pieces your naked body, bloodthirsty Agave's,
and they paraded your tattered corpse like a hunting trophy

Your executioners claimed for Christ their ugly deed
But who could square such beastly act
with the Nazarene's painful legend of love?

Your last lesson Hypatia
Like Socrates', was your own death,
No hemlock this time, but simply blood,
the blood of your torn flesh,
soaked up by the sands,
the dust of Alexandria

From this infected globe your spirit was expelled
You were too much for it, more light than it could stand
The Heavens cried for you infuriated tears
and assailed the streets with a violent storm.

The rain soon washed away the traces of this crime
From the streets where your bleeding body had been dragged
Your remains sated the hunger of stray dogs

Your students, latter day Antigones,
trod the wet city in fear
But they found nothing to place in your grave
Not even a bone stolen from the teeth of hounds

Among the mourners there was one staring up into the night, hands
 raised to heaven
 giving comfort to the helplessness of all:
- Look, my friends, companions in this pain,
 Hypatia is now a living star
A divine spark returning to her heavenly abode
 far beyond this world of death and illusion
Nothing of her substance did she leave in the vile prison of this world
 Only the memories of her in us who loved her purely.

Epilogue

Lucinda again typing on her laptop, Hypatia observes near her.

LUCINDA: That's how the play ends: With a frightening poem. But I still want to know more about who you were, Hypatia. I recreated the last day you spent on earth twice with you, but what I really wanted was to hear a lesson of yours, to watch your thoughts in action. I never did get to know you...

HYPATIA: Don't worry, Lucinda. What we've created together is enough for me to be remembered by a few. Anyone who watches this play can imagine their own Hypatia. From now on there will be a ghost of mine out there who will make the loneliness of everyone in this room a little less heavier.

THE END

Under the title of *Hypatia's last lesson*, the play had its very first public performance in this English translation, by Alex Ladd, as a rehearsed reading presented in Ithaca (New York State, USA) at Cornell University (Lecture Hall; Robert Purcell Community Center), on the 11th of August, 2010, during the First Joint Conference of the International Association for Jungian Studies (IAJS) with The Jungian Society for Scholarly Studies (JSSS): “On the Edge: Psyche in Ethics, the Arts and Nature - A Conference of Research in Jung and Analytical Psychology” (1—14/8/2010). Armando Nascimento Rosa took part in the session with an author’s opening lecture and a post reading debate with the audience, thanks to the support from CIAC (Investigation Center of Arts and Communication) / FCT (Portuguese Foundation for Science and Technology).

Director – **Susan Rowland**

CAST

LUCINDA – A young student, the author: **Gabrielle Milanich**

HYPATIA – A philosopher from Alexandria: **Alex Fidyk**

SYNESIUS OF CYRENE – Bishop of Pentapolis, Hypatia’s former student: **Alberto Lima**

STELLA – Synesius and Lavinia’s daughter (played by Lucinda): **Gabrielle Milanich**

LAVINIA – Synesius’ wife: **Evangeline Rand**

ORESTES – Governor of Alexandria: **Joel Kroeker**

DEMETRIA – An actress, Orestes’ wife: **Rebecca Pottenger**

NAZARIUS - Hypatia’s student, Jewish: **Jeff Levering**

KARIOTIS – Hypatia’s student, a spy working for Cyril: **Robert Mitchell**

EBONIUS – Hypatia’s student, Nubian: **Dennis Pottenger**

CYRIL – Patriarch of Alexandria: **Darrell Dobson**

The hooded ones – followers of Cyril (all actors available for scenes in question)

HELEN OF TYRE – A character played by Demetria: **Rebecca Pottenger**

SIMON MAGUS – A character in Demetria’s play: **Darrell Dobson**

PULCHERIA – Empress of the Eastern Empire: **Evangeline Rand**

Two Guards – (extras mixed with the audience)

Armando Nascimento Rosa (Évora, 1966), dramaturgo, ensaísta e criador musical, é autor de cerca de trinta obras dramáticas originais, incluindo dois libretos de ópera, com música de Hugo Ribeiro, vencedoras do concurso Ópera em Criação: *As duas mulheres de Sigmund Freud* (2008) e *Os mortos viajam de metro* (2010). De outras distinções recebidas por obras suas, destacam-se: em 2000, o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte, com *Lianor no país sem pilhas*; em 2008, o Prémio Albufeira de Literatura, com *Visita na prisão ou O último sermão de António Vieira*; em 2011, o Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno, com *Doutor Feelgood - Em viagem para Belle Reve*; em 2012, o Prémio Literário Aldónio Gomes, com *Dois peças com História(s)*; e em 2014, a escolha da sua peça *Resgate*, por um júri catalão, para representar Portugal no Festival of Dramaturgy on the Crisis - PIIGS, em Barcelona (Teatro Nau Ivanow) e em Milão (Piccolo Teatro Grassi). A sua peça *Menino de sua avó*, que integra o Plano Nacional de Leitura, foi escrita para Maria do Céu Guerra e Adérito Lopes e fez várias digressões ao Brasil (Rio de Janeiro e Niterói) numa produção d'A Barraca, recebendo em 2014 o Prémio Especial do Júri do FITA: Festa Internacional de Teatro de Angra dos Reis. A tradução inglesa desta peça (por Susannah Finzi), com o título *Fernando and his Grandmother*, foi apresentada em leitura encenada em Londres, na edição de 2019 do Out of the Wings Festival, de Dramaturgia Ibero-Americana, no Omnibus Theatre.

Tem peças traduzidas em sete línguas, várias delas já publicadas em livro nesses idiomas e com encenações e/ou leituras encenadas em Londres, Madrid, Barcelona, Nova Iorque, Zurique, Atenas, Milão, Araraquara, Nova Orleães, Chicago, Ítaca (EUA) e Houston - cidade norte-americana onde estreou em 2017 a tradução inglesa da sua peça *The Real Mother of Marilyn Monroe*, no Midtown Arts & Theater Center, pela Luciole International Theatre Company.

É doutorado em Estudos Portugueses, mestre em Estudos Literários Comparados, e licenciado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, sendo professor adjunto na Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa, desde 1998.

Como cantor e compositor, criou o projecto musical O Piano em Pessoa, numa parceria com o pianista António Neves da Silva, estreado em concerto na Aula Magna da Universidade de Barcelona (9/10/ 2012), com apresentações desde então em vários palcos de Portugal e do Brasil, e publicação de CD homónimo em 2018, pela Tradisom, com apoio do Instituto Politécnico de Lisboa e da Casa Fernando Pessoa. Em 2019, publica o duplo álbum de originais *O Fado é estranha alegria*, com produção do maestro Mário Rui Teixeira. O seu primeiro concerto a solo como fadista, fora de Portugal, teve lugar no Cabaret Voltaire de Atenas, em 2017.

Morte de Hipátia, de Armando Nascimento Rosa, revisita na forma de texto dramático as circunstâncias que conduziram ao bárbaro assassinato de Hipátia (370-415), filósofa pagã e astrónoma, matemática e professora, a única mulher que dirigiu, na Antiguidade, a Academia de Alexandria, tendo sido ela também a última curadora da Biblioteca de Alexandria, antes que esta fosse totalmente destruída. A representatividade histórica da morte de Hipátia (juntamente com o encerramento da Academia platónica de Atenas, em data próxima desta) levou a que historiadores assinalassem através dela o início simbólico da Idade Média. Enquanto ficção histórico-cénica, aqui numa edição bilingue (com tradução em inglês por Alex Ladd), *Morte de Hipátia / Death of Hypatia* reinventa rostos e personagens num texto destinado à cena teatral, baseado na escassa documentação que chegou até nós acerca desta personalidade fascinante.

ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA | POLITÉCNICO DE LISBOA

Avenida Marquês de Pombal, 22-B | 2700-571 Amadora | Portugal

Tel.: 21 498 94 00 | e-mail: biblioteca@estc.ipl.pt

www.estc.ipl.pt



Com o apoio

